

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

ELAINE CRISTINA DOS SANTOS LIMA

A ALIENAÇÃO CONTEMPORÂNEA E SEU FUNDAMENTO ONTOLÓGICO

Maceió/AL
2011

ELAINE CRISTINA DOS SANTOS LIMA

A ALIENAÇÃO CONTEMPORÂNEA E SEU FUNDAMENTO ONTOLÓGICO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas, na área de concentração Serviço Social, Trabalho e Direitos Sociais, na linha de pesquisa Trabalho, Política e Sociedade, como requisito parcial a obtenção do título de mestre em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Norma Alcântara Brandão de Holanda.

Maceió/AL
2011

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

L732m Lima, Elaine Cristina dos Santos.
A alienação contemporânea e seu fundamento ontológico / Elaine Cristina dos Santos Lima. – 2011.
87 f.

Orientadora: Maria Norma Alcântara Brandão de Holanda.
Dissertação (mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Serviço Social. Maceió, 2011.

Bibliografia: f. 92-93.

1. Lukács, György, 1885-1971. 2. Alienação (Filosofia). 3. Personalidade.
4. Capitalismo. 5. Reprodução social. 6. Serviço social. I. Título.

CDU: 364.144



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL-MESTRADO

Membros da Comissão Julgadora de Defesa da Dissertação de Mestrado de Elaine Cristina dos Santos Lima, intitulada “**A Alienação Contemporânea e seu Fundamento Ontológico**”, apresentada ao programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas em 04 de julho de 2011, às 15:00 h, no Mini-auditório da FSSO.

Maceió, 04 de julho de 2011.

Profa. Dra. Norma Alcântara Brandão de Holanda

Orientadora

Profa. Dra. Gilmaisa Macedo da Costa

Convidada Interna

Profa. Dra. Belmira Rita Magalhães

Convidada Externa

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo amor cultivado constantemente.

À minha orientadora Prof^a Maria Norma Alcântara, pela oportunidade de desenvolvimento deste trabalho, orientação e confiança.

Às professoras Gilmaísa Macedo e Belmira Magalhães que na minha banca de qualificação foram fundamentais.

À minha irmã que mesmo distante está sempre presente em minha vida.

A todos do programa de pós-graduação e aos que passaram por ele, especialmente à Aline e à Angélica.

À minha família, pela constante valorização, incentivo ao estudo, apoio e carinho, em especial a tia Neide, tia Miriam, Gian Carlo, Luana, Edisângela, Edeil, Socorro e Lena.

Às minhas adoradas priminhas Ianael e Yasmim pelos cuidados, companheirismo, carinho e preocupação quando deveriam estar aproveitando a infância.

Aos amigos que ofereceram um ombro amigo nos momentos difíceis: Juliana Verçosa, Laís da Silva, Bruno Malta, e as “apimentadas” Renata, Cely e Meyre.

Ao meu amigo Ivanderson Perereira da Silva, pela generosidade pouco vista hoje em dia, por seu apoio e incentivo.

À Alice Lima, pelo carinho, apoio, ensinamentos e confiança.

À minha grande amiga Juliana Verçosa, que está presente na minha vida e é um grande exemplo de força. Por seu carinho, amizade e apoio. Com você aprendi e aprendo muito.

À Cida e Carlinhos por todo o auxílio e carinho dispensado.

Aos funcionários da Faculdade de Serviço Social - UFAL - pela colaboração no desenvolvimento deste trabalho.

À FAPEAL e CAPES pelas bolsas concedidas.

E a todos que de alguma forma contribuíram para realização deste trabalho.

Quando digo “é evidente”, quero acaso dizer
“só eu é que o vejo”?

Quando digo “é verdade”, quero acaso dizer “é
minha opinião”?

Quando digo “ali está”, quero acaso dizer “não
está ali”?

E se isto é assim na vida, por que será diferente
na filosofia?

Vivemos antes de filosofar, existimos antes de o
sabermos,

E o primeiro fato merece ao menos a
precedência e o culto.

Sim, antes de sermos interior somos exterior.

Por isso, somos exterior essencialmente.

Fernando Pessoa.

Aos meus pais que, mesmo dentro de seus limites, sempre me ensinaram a não me calar diante das injustiças.

RESUMO

Pelo fato de ser a alienação um problema que exige um enfrentamento urgente, visto que a produção e reprodução humana atualmente não se dão sem sua mediação, é absolutamente necessário compreendermos seus nexos mais essenciais na tentativa de combatê-los. Para tal realização entendemos que Lukács – como grande herdeiro da tradição marxista – pode nos oferecer uma base teórica necessária para tal empreitada. Assim, a presente dissertação tem como objetivo investigar a base ontológica que põe a alienação e a sua manifestação na vida contemporânea dos homens. Utilizamos para tal empreitada o texto de Lukács denominado “*Para uma ontologia do ser social*” no qual nosso autor dedica um capítulo específico para a alienação. A alienação, segundo Lukács, é historicamente determinada e tem seu fundamento na contradição entre desenvolvimento das forças produtivas e desenvolvimento da personalidade humana. A partir daí se desenrola uma série de complexos que estruturam a realidade social em que a alienação encontra terreno para germinar.

Palavras chaves: Alienação, Personalidade, Particularidade, Generidade, Capitalismo Contemporâneo

ABSTRACT

Because it is a disposal problem that urgently requires a confrontation, as the production and human reproduction does not currently get along without his mediation, it is absolutely necessary to understand their most critical links in an attempt to combat them. To understand that such an achievement Lukacs - as great inheritor of the Marxist tradition - can offer us a theoretical basis required for such an undertaking. Thus, this paper aims to investigate the ontological basis which puts the sale and its manifestation in contemporary life of men. We use for the text of such an undertaking Lukacs called "For a social ontology of being" in which our author devotes a chapter to the sale. The sale, according to Lukacs, is historically determined and has its foundation in the contradiction between productive forces and development of human personality. From there unfolds a series of complex structure the social reality in which the sale is ground to germinate.

Keywords: Alienation, Particularity, generous human, Contemporary Capitalism

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A ALIENAÇÃO CONTEMPORÂNEA	17
2.1. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E ALIENAÇÃO	18
2.2. A ONIPOTÊNCIA DO TER E A MANIPULAÇÃO ATUAL	23
2.2.1. TÉDIO: O ESVAZIAMENTO DO SENTIDO DA VIDA	31
2.3. A DEDICAÇÃO A UMA “CAUSA” COMO UM MOMENTO DA LUTA PELA LIBERTAÇÃO DA ALIENAÇÃO	36
3. FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS DA ALIENAÇÃO	41
3.1. A GÊNESE ONTO-HISTÓRICO-SOCIAL DA ALIENAÇÃO	41
3.2. A DIALÉTICA ENTRE OBJETIVAÇÃO E EXTERIORIZAÇÃO: O FUNDAMENTO DAS ALIENAÇÕES	46
3.3. ALTERNATIVA E ALIENAÇÃO	50
3.4. SENSIBILIDADE E ALIENAÇÃO	55
4. GENERIDADE E ALIENAÇÃO	58
4.1. GENERIDADE, SEXUALIDADE E ALIENAÇÃO	58
4.2. GENERIDADE, PERSONALIDADE E ALIENAÇÃO	65
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
6. REFERÊNCIAS	86

1. INTRODUÇÃO

Hoje, mais do que em qualquer período da nossa história, a discussão acerca da categoria da alienação e de sua concretude na sociedade moderna, seu fundamento e consequências, são vitais para a reflexão do processo do torna-se homem do homem. Num mundo cuja produção e reprodução de misérias se acentuam é necessário debruçar-se sobre os entraves que põem limites ao livre processo de hominização do ser social na tentativa – e aí reside uma grande dificuldade, não só teórica, mas prática – de combatê-los ofensivamente. Os complexos alienantes que surgem em nossas vidas cotidianas assumem uma forma cada vez mais espontânea e naturalizada. É comum a tentativa de tratar os problemas advindos das alienações como insuperáveis e até mesmo necessários para o desenvolvimento pleno do homem.

Essa tomada das relações humanas desumanizadas como fenômenos naturais e impulsionadores (apologistas do capital costumam alardear a importância da competição como propulsora da criatividade e do progresso) são expressões de um mundo em que as relações são mediadas diretamente, como acertadamente diz Lukács, pela ideologia do “ter”, que significa “umas das bases fundamentais de toda alienação humana” (LUKÁCS, 1976, p.592). Ideologia essa fundamentada numa sociedade que efetiva a propriedade privada e que faz do produto das relações de produção mercadorias para serem apropriadas através da vendabilidade universal.

Não só o produto objetivo da atividade humana é transformado em mercadoria e, portanto, alienado, mas também as produções subjetivas se exprimem de forma corrompida e degenerada. Basta perceber a indiferença coletiva em relação aos milhares de famigerados¹ forjados pelas desigualdades sociais, “desigualdade ante as possibilidades da sobrevivência, desigualdades ante a morte” (MANDEL, 1982, p. 12). A estética, as emoções, os sentidos e as várias manifestações subjetivas, propriamente humanas, passam por um enorme processo de fragmentação e enfraquecimento dados as circunstâncias unilaterais e reificadas nas quais são expressas. Vivemos numa sociedade em que os homens estão dissociados de sua própria realização. Regidas pelo capital, as relações humanas se efetivam de forma cada vez mais

¹ Sobre o problema da miséria mundial, foi publicado pela editora boitempo, uma interessante análise de um estudioso norte-americano, Mike Davis, que demonstra a crescente favelização do mundo, principalmente nos ditos “países subdesenvolvidos”, e como a pobreza, a fome, a miséria que se lança cada vez mais intensa sobre a humanidade é irreversível se o capital continuar a ditar as regras das relações sociais. *Planeta favela*, 2006.

hostil limitando e muitas vezes degenerando a formação da individualidade humana. Enfim, a perspectiva de um destino autenticamente humano em nenhum outro momento esteve tão submetido à trivialidade do mercado, trivialidade que, inerente a essa formação societária, constitui espiritualmente o momento histórico vivido.

É necessário, portanto, mais do que nunca estabelecer uma práxis capaz de superar o estado de coisas atual e apontar para uma forma societária em que o desenvolvimento das forças produtivas não signifique uma deformação da personalidade humana. Pois, somente quando objetividade e subjetividade coexistirem harmonicamente é que o homem se realizará com toda sua potencialidade humana.

No combate a esses complexos desumanizadores, postos muitas vezes como irreversíveis, julgamos de suma importância a discussão de cunho ontológico feita por Lukács – um dos maiores herdeiros de Marx - e sua teorização acerca desses complexos. Apesar disso, é bastante pertinente acrescentar que a urgência em se debruçar sobre a tematização lukacsiana significa efetivamente a busca constante e incansável de analisar as propriedades do capitalismo, em seus movimentos contraditórios, visto que ao longo de mais de um século de tentativas não foi superado, muito menos humanizado. Pelo contrário, o “mundo da pseudoconcreticidade²” do qual nos fala Kosik, parece ser cada vez mais onipotente.

É entendido assim que as determinações efetivas fundamentais apreendidas e expressadas por Lukács, por serem universais e basilares, compreendem uma apropriação humana científica – permitindo seu resgate em sua totalidade e em paralelo com o desvelamento – das formas de expansão pelo qual passa o capital em dias atuais. Desta maneira é possível o confronto, sustentado em alicerces teóricos, com essa realização hostil de relações sociais, na intenção de uma transformação radical. Essa empreitada tem uma articulação indissociável com o rigor que deve ser tratada a obra de Lukács, tanto no que concerne à reapropriação que este autor faz da obra de Marx e sua crítica feita ao empobrecimento da teorização marxiana pela hipotética esquerda, quanto na desconsideração, de danosas proporções, de seu estatuto ontológico ao ser conferido preferência pela sua abordagem de história e consciência de classe. Realização complexa, principalmente nas

² “O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade. A eles pertencem: o mundo fenomênico (...) que se desenvolve a superfície dos processos realmente essenciais; O mundo do tráfico e da manipulação (...); O mundo das representações comuns (...) produto da práxis fetichizada (...); o mundo dos objetos fixados que (...) não são imediatamente reconhecíveis como resultado da atividade social dos homens.” (KOSIK, 2002, p.15)

circunstâncias atuais em que a crítica se põe como ato de aversão por ser contrária a “equivalência de saberes”.

Para melhor apreensão da teorização de Lukács sobre a alienação delinearemos em termos gerais os mais importantes teóricos que foram determinantes para tematização de nosso autor acerca desse fenômeno.

A discussão a respeito da alienação ocupa um lugar muito importante na tradição da filosofia clássica alemã. Pesquisar as fontes de sua origem e compreender suas articulações foi preocupações constantes nos estudos acerca das manifestações da subjetividade e da constituição social. Considerar o complexo da alienação como uma tendência dominante, universal e insuperável ou considerá-lo como produto das relações sociais – e que, portanto, pode ser superado de acordo com a forma com que as relações humanas se estabelecem – é uma tarefa cara à filosofia, principalmente ao idealismo alemão. Na filosofia hegeliana essa questão aparece claramente.

Hegel compreende o movimento de constituição do ser social como movimento contraditório que se passa no interior da consciência. Em sua Fenomenologia demonstra esse movimento em que o homem se autogera como processo, a objetivação como desobjetivação, como alienação e superação dessa alienação, considerando o trabalho de forma essencial e concebendo o homem objetivado, ou seja, como resultado do seu próprio trabalho. Nesse movimento contraditório inerente ao ser humano, a objetivação se consolida sempre como perda, assim, como alienação. Esse trabalho é o trabalho do espírito que se consolida como próprio fundamento do ser. O movimento que se constitui na vida humana é aquele do espírito que supera a consciência pela autoconsciência. É a superação da propriedade material na ideia e a busca do espírito como a forma única de ser do homem, portanto, o sujeito-objeto idêntico. O trabalho humano que produz o mundo humano é espiritual, o da ação filosófica. O mundo humano, para Hegel, é justamente o mundo do espírito.

Essa questão aparece de forma oposta em Marx, principalmente nos Manuscritos econômico-filosóficos, no qual trata de forma ampla sobre essa temática. Marx analisa a crítica que Feuerbach faz a Hegel e a toma como ponto inicial. Feuerbach, em “A essência do cristianismo”, afirma:

Hegel inicial com a alienação (logicamente, com o infinito, o universal abstrato) da substância, com abstração absoluta e fixa, isto é, em termos populares, com a religião e com a teologia. Posteriormente, em segundo lugar, elimina o infinito, põe o real, o perceptível, o finito e o particular (a filosofia, a abolição da religião e da teologia). Em terceiro lugar, elimina o positivo e reestabelece a abstração, o infinito

(reestabelecimento da religião e da teologia). (apud MARX, 2002, p.174)

Para Feuerbach, então, Hegel nega e restaura a abstração da qual parte. Essa negação se dá pelo fato de precisar de uma certeza sensível para se autoconfirmar, visto que apenas enquanto abstração não sustenta a si mesma. Desta forma, Feuerbach diz que Hegel parte do estranhamento, justamente porque parte da abstração enquanto oposição ao mundo sensível, de um giro que coloca como momento primeiro a lógica. Já que para Hegel o homem como ser objetivo só pode realizar a coisa abstrata, a autoconsciência é a abstração do homem. Assim, essa coisa realizada pelo homem é autoconsciência alienada, pois, é ela mesma dada fora de si. Tendo clara a crítica de Feuerbach a Hegel, Marx pôde demonstrar que o movimento da realidade não está situado no próprio pensamento, aquele pensamento que tem como gênese a oposição ao mundo concreto e ao ser efetivo. Marx afirma que é:

perfeitamente compreensível um ser vivo, provido e dotado de forças essenciais objetivas (...) ter objetos reais e naturais de seu ser e igualmente sua auto-alienação ser o assentamento de um mundo real, mas sob a forma de exterioridade (...) que não pertence ao seu ser e que ele não domina (2002, p.116)

Assim, para Marx, ao se partir do ser objetivo a auto-alienação é o produto de um mundo real exteriorizado, ou seja, como algo diferente de si, formas objetivadas que se confrontam. A autoconsciência, de forma oposta, através de sua alienação realiza apenas uma coisa abstrata, e não uma coisa concreta, objetiva, pois todo movimento se passa no interior do pensamento.

Para Marx, a relação entre apropriação e objetivação não se realiza no pensamento, mas ocorre de forma a promover o processo de genericidade do ser social, quando este se apropria de sua realidade exterior e a transforma de forma a adequá-la a seus interesses e necessidades. Porém, principalmente na sociedade regida pelo capital essa relação torna-se alienada, pois, segundo Marx, o homem passa a não se reconhecer em sua atividade. Assim, a apropriação humana da natureza e das objetividades torna-se, para o trabalhador, alienação. Como diz Marx: "a apropriação do objeto se manifesta a tal ponto como estranhamento que quanto mais objetos o trabalhador produzir tanto menos ele pode possuir e mais se submete ao seu produto...". (MARX, 2002, p.120)

Perde-se assim a conexão concreta entre a produção e a vida do trabalhador e, para Marx, isso se deve ao fato de:

o trabalhador se relacionar com o produto de seu trabalho como a um objeto estranho. Por isso a hipótese evidente: quanto mais o trabalhador se exterioriza em seu trabalho, mais o mundo estranho,

objetivo, que ele criou, torna-se poderoso diante dele, tanto mais empobrece a si e a seu mundo interior, tanto menos é dono de si próprio. (2002, p.112)

Assim, quanto mais o homem constrói um mundo enriquecido materialmente, sob os ditames do capital, o espírito humano se torna limitado e muitas vezes degenerado. Essa é a manifestação objetiva do próprio trabalho: “o produto é, de fato, a síntese da atividade, da produção, se, por conseguinte, o produto do trabalho é alienação, a própria produção deve ser alienação em ato, a alienação da atividade, a atividade da alienação...” (MARX, 2002, p.114).

Essa alienação da atividade, atividade da alienação somente pode ser superada, para Marx, quando os indivíduos tiverem controle consciente e livre dos meios de produção, portanto, somente quando a humanidade se emancipar da exploração do homem pelo homem.

Lukács, seguindo na mesma esteira de Marx, também analisa a categoria da alienação. Ele estabelece essa discussão com base num longo debate travado na filosofia, porém, com os olhos fixos nos antagonismos de seu tempo. Seu estudo se põe em um momento em que lutar contra as alienações – “das relações inter-humanas na sociedade moderna, na qual os indivíduos são reduzidos cada vez mais ao papel de objeto e despossuídos de suas capacidades eminentemente subjetivas de autodeterminação...” (TERTULIAN, 2001, p. 32) – é fundamental para garantir o pleno desenvolvimento das capacidades humanas (subjetivas e objetivas). É necessário mencionar que Lukács elabora sua primeira significativa análise sobre a teoria da alienação em “História e Consciência de Classe³”. Nesse período nosso autor ainda se mantém muito próximo da tematização hegeliana, um marxismo hegelianizado. Segundo Tertulian, fase protomarxista. Numa passagem de História e consciência de classe, ao tratar do rompimento do fenômeno da reificação⁴ (categoria que, ao se tornar “socialmente relevante”, conduz a formas de alienação no capitalismo) nosso autor afirma:

(...) em primeiro lugar, que esse rompimento é possível apenas como conscientização das contradições imanentes do próprio processo. Apenas quando a consciência do proletariado é capaz de indicar o caminho para o qual concorre objetivamente a dialética do desenvolvimento, sem no entanto poder cumpri-lo em virtude da sua própria dinâmica, é que a consciência de proletariado despertará para a consciência do próprio processo; somente então o proletariado surgirá como sujeito-objeto idêntico da história, e a sua práxis se tornará uma transformação da realidade. Se o proletariado for incapaz de dar esse passo, a contradição permanecerá sem solução (...) (LUKÁCS, 1923, p. 391).

³ Essa fase do pensamento de Lukács Guido Oldrini chama de protomarxista.

⁴ Sobre a reificação a discussão de Marx sobre a mercadoria no primeiro capítulo de *O Capital*. Os economistas. Volume I. Nova cultural. 1985. Cf. também, Netto. *Capitalismo e Reificação*. 1981

Nessa passagem, o nosso autor utiliza a teoria hegeliana da identidade sujeito-objeto para mesclar com a abordagem marxiana das classes sociais e afirmar que a superação da sociedade reificada se dará apenas com a elevação da consciência de classe do proletariado.

Análise que o próprio autor abre mão posteriormente, como afirma no prefácio a outra edição de *História e consciência de classe*, em 1967: “Ao publicar os documentos mais importantes dessa época (1918-1930), minha intenção é justamente enfatizar seu caráter experimental, e de modo algum conferir-lhe um significado atual na disputa presente em torno do autêntico marxismo” (LUKÁCS, 1967). Porém, essa obra possui uma enorme importância na trajetória da tematização marxista acerca da teoria da alienação, visto que, no percurso do marxismo oficial (Na época que nosso autor chama atenção para tal questão) essa problemática não possuía destaque, sendo Lukács umas das raras exceções a conferir a essa problemática a importância que tem nas análises das relações modernas.

Como já foi afirmado acima, Lukács abre mão de sua tematização sobre a categoria da alienação tal como abordada em *História e consciência de classe*. Em sua trajetória dentro do marxismo – principalmente ao tomar conhecimento de uma obra de Marx chamada “Manuscritos econômico-filosóficos” – se afasta cada vez mais da influência hegeliana. Em seu livro “O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista”, de 1948, já demonstra outra abordagem das relações sociais que é coroada definitivamente com sua obra de maturidade *Para uma ontologia*⁵ do ser social. Nesta obra, a tematização acerca da alienação toma um caráter imensamente diferenciado de *História e consciência de classe*. É sobre essa abordagem que pretendemos nos debruçar.

O capítulo da alienação apresenta para nossos estudos pelo menos três grandes dificuldades de compreensão exigindo, assim, uma intensa e exaustiva dedicação. A primeira dificuldade que se apresenta é a da tradução. No Brasil a única tradução, não oficial, e que utilizamos aqui é a de Norma Alcântara, que na ocasião de sua tese de doutorado traduziu o capítulo da alienação. Porém, como se trata de uma primeira aproximação da temática da

⁵ É importante salientar a complexidade que é o tratamento da ontologia nos dias atuais, fundamentalmente, quando se trata de uma referência marxista. O objetivo de uma ontologia marxista é compreender o processo de entificação do ser social e apontar quais os graus e conexões que lhe constitui. Desta forma, é necessário ter em vista que o resgate dessa ontologia, exposta por Lukács, expressa a realidade objetiva da natureza e encontra o fundamento real do ser social ao mesmo tempo em que está a viabilizar “*na sua simultânea identidade a diferença com a ontologia da natureza*” como nos diz Scarponi (LUKÁCS, 1976). Apesar de todo o empenho de Lukács no resgate da explicitação do que é o ser social, e, portanto da análise de suas categorias as mais diversas, é fato o desconhecimento e até mesmo a desconsideração de sua filosofia de cunho ontológico por estudiosos da filosofia e das ciências humanas em geral.

alienação em Lukács, o que foi feito por ela – e até onde se sabe não há outra discussão a esse respeito, a não ser o texto que ora se apresenta – os problemas de tradução não são descartados.

A segunda é que a presente dissertação trata apenas do próprio capítulo da alienação, que é o último capítulo de uma obra monumental. Esse problema dificulta bastante nosso esforço para discutir a alienação, visto que não é possível apresentar a linha de desenvolvimento de Lukács até chegar a esta categoria. Nesse ínterim aparecem muitas questões importantes que não podemos nem de longe mencionar dado o limite deste trabalho.

A terceira dificuldade é o fato de ser o capítulo menos acabado e, portanto, sua investigação, dado a complexidade do tema, pode trazer inúmeras questões pouco trabalhadas. Como nosso autor dedica em sua “ontologia do ser social” um capítulo específico para a discussão da alienação, procuramos nos debruçar apenas sobre ele na busca dos elementos essenciais que desvele esse fenômeno e que forneça indicações para uma práxis que lute decisivamente contra essa forma de desumanização das relações humanas.

Para isso dividimos nossa exposição em três capítulos⁶.

No primeiro capítulo demonstraremos como as alienações se constituem de forma específica no capitalismo. Partiremos da noção de que o desenvolvimento econômico, ou seja, o desenvolvimento das forças produtivas, ao invés de eliminar as alienações, principalmente sob o capital intensifica e até mesmo universaliza, na sociedade dita contemporânea, tal fenômeno. Daí apontarmos para a discussão da alienação como manipulação numa sociedade em que o ter se torna a medida de todas as coisas e como isso provoca na vida dos indivíduos o tédio, ou seja, a perda do sentido da vida.

No segundo capítulo demonstraremos como, de acordo com nosso autor, a alienação tem sua gênese na contradição fundamental entre desenvolvimento das forças produtivas e formação da personalidade humana e, portanto, possui um caráter sócio-histórico que adquirindo formas particulares se evidencia de acordo com momentos historicamente determinados.

A cada objetivação do sujeito se origina uma exteriorização e a alienação se origina necessariamente na forma como esses sujeitos agem de acordo com o retroagir das exteriorizações. A forma como a retroação das exteriorizações se realiza nos indivíduos é efetivada pelas escolhas que os mesmos fazem em suas vidas cotidianas. A categoria da

⁶ As citações utilizadas, do capítulo da alienação de Lukács, ao longo do texto estão apenas acompanhadas do número da página entre parêntese.

alternativa surge então, como elemento essencial de análise da concretização das alienações ou da resistência diante delas. Daí nos deteremos um pouco sobre a questão da sensibilidade humana e de sua importância na medida em que define o grau de humanização que a humanidade alcançou.

No terceiro capítulo apresentaremos o tratamento da generidade humana feita por Lukács. Partiremos das relações entre os sexos, ou seja, entre homem e mulher, pois, de acordo com nosso autor é nela que se pode medir mais corretamente o alcance da relação dos homens entre si e, portanto, da possibilidade de se alcançar a generidade para-si. Para Lukács, a verdadeira igualdade das mulheres no trabalho, na família e nas várias esferas da sociedade deve ser conquistada a partir do terreno próprio no qual tem sido bloqueado, o da própria sexualidade. Isso implica não apenas lutar contra os impulsos alienantes do homem, mas deve igualmente apontar em direção à efetiva autolibertação interior da própria mulher.

Seguido a isso, demonstraremos a relação da generidade com a personalidade humana. Para Lukács, nenhuma personalidade é independente da sociedade na qual foi forjada, mas possui uma relação ontológica, quanto mais um problema da alienação se revela na autêntica individualidade do homem mais ele se confirma enquanto ser genérico-social. Lukács aponta que os complexos alienantes são de tal forma plural que mesmo uma personalidade que em um determinado momento combate as alienações fervorosamente em outros momentos pode sucumbir a elas sem nenhum questionamento e até mesmo com boa vontade se mantendo assim, no nível da mera particularidade⁷.

⁷ A particularidade (particularität) nesse capítulo se refere à forma egoísta da personalidade do indivíduo sob o capital. Assim, não estamos tratando da “particularidade, que como centro do reflexo artístico, como momento da síntese de universalidade e singularidade supera estas em si, determina a forma específica de generalização do mundo fenomênico imediato, a qual conserva suas formas fenomênicas, mas as tornam transparentes, propícias à ininterrupta revelação da essência” (LUKÁCS, 1978, p. 222-3).

2. A ALIENAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A sociedade capitalista, principalmente no período em que denominamos contemporâneo, é marcada por uma crise que se torna cada vez mais profunda. Não se trata apenas de uma crise financeira, política ou ética, mas, de uma crise prioritariamente econômica que afeta todo conjunto da humanidade e põe em cheque a própria sobrevivência desta. Esse estado de coisa degenera de tal forma as relações humanas que a alienação se manifesta de forma cada vez mais intensa deformando de maneira substancial a personalidade humana. Demonstraremos, nesse capítulo, a especificidade do aprofundamento da alienação no capitalismo e suas conseqüências na personalidade dos homens contemporâneos.

O desenvolvimento econômico na sociedade capitalista é de tal maneira que pela primeira vez na história da humanidade foi aberta a possibilidade dos indivíduos trabalharem um mínimo para manter sua ampla realização enquanto ser social plenamente humanizado. Porém, mesmo com todo esse crescimento o que se constata é uma sociedade no qual os indivíduos são tanto mais sacrificados quanto mais produzem socialmente a riqueza humana.

O progresso econômico, portanto, longe de permitir aos indivíduos sua plena realização os escravizam mais intensamente gerando sempre novas formas de opressão que se sucedem ou se integram a velhas formas. Nos dias atuais, em que o sistema do capital se torna mais abrangente e aparenta uma onipotência inabalável, as formas de alienação incidem muito mais diretamente sobre a vida do indivíduo.

As formas de manipulação posta em prática pelo capital tem como um dos objetivos primordiais manter o indivíduo em sua mera particularidade – egoísmo burguês – e impedi-lo de se elevar a generidade humana e se construir enquanto personalidade autêntica. O tédio, ou seja, o esvaziamento do sentido da vida, os aprisionam mais ainda a uma posição apática e impotente diante do mundo. A única forma de conseguir se libertar dessas alienações, de conseguir eliminar o tédio de suas vidas, é se dedicando a uma causa de relevo social que, ao enfrentar o sistema do capital, constrói uma alternativa societária em que os homens se constituam livre dessas alienações. Embora, não esqueçamos, que essa alternativa societária só pode se efetivar mediante condições objetivas dada pelo processo social.

2.1. Desenvolvimento econômico e alienação

A sociedade capitalista tem como distinção das sociedades anteriores um alto grau de socialização. O contínuo afastamento das barreiras naturais e a formação propriamente humana (seja quanto ao desenvolvimento das capacidades humanas seja quanto ao desenvolvimento da personalidade humana) colocado em curso desde o primeiro ato de trabalho somente chega a uma fase madura – de plena socialização das relações sociais – no capitalismo.

Nas sociedades anteriores ao capital — justamente por não terem um nível de socialização tão elevado — o modo de produção e a estrutura social estavam reguladas com maior equilíbrio. Deste modo, pode-se dizer que aquela desigualdade surgida entre desenvolvimento das capacidades humanas e desenvolvimento da personalidade humana ainda não alcançara um estágio de plena desarmonia.

Na sociedade capitalista, onde as forças produtivas alcançam um patamar de desenvolvimento mais elevado e amplo, o desenvolvimento econômico parece obter um “caráter de total incontrollabilidade”. Assim, a desigualdade do desenvolvimento social se revela fortemente. É justamente na sociedade de desenvolvimento social “ilimitado”, como na sociedade do capital, que embora as capacidades humanas sejam mais evoluídas a personalidade humana está mais propensa a deformações.

Estas considerações iniciais possuem uma importância fundamental quando se trata da alienação. Como nas sociedades anteriores a desigualdade do desenvolvimento não era tão ampla, segundo Lukács, a possibilidade de pelo menos uma faixa de indivíduos se livrarem das alienações gerais era real, enquanto nas “sociedades evoluídas isto é totalmente excluído: a alienação dos explorados tem seu exato correspondente naquela dos exploradores” (p.147).

Lukács recupera uma importante passagem de Marx, na sagrada família, no que se refere às alienações humanas gerais para demonstrar que na sociedade capitalista a alienação assume uma forma socialmente mais generalizada.

A classe proprietária e a classe do proletariado apresentam a mesma auto-alienação humana. Mas a primeira classe se sente confortável e reafirmada nesta auto-alienação, sabe que a alienação é a sua própria potência e nela possui a aparência de uma existência humana; a segunda classe sente-se aniquilada nessa alienação, vê nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana (Apud Lukács p.148)

Marx, segundo Lukács, reconhece a alienação como um fenômeno geral que prende os homens em sua completa particularidade a partir da própria divisão de classes em que o capitalismo se estrutura. No entanto, também no âmbito mais individual, no que se refere aos indivíduos pertencentes a classes distintas e à mesma classe, a alienação também se manifesta impositivamente. É com as palavras de Engels que Lukács demonstra como isso se apresenta:

No Antidürring Engels descreve este fenômeno em termos inequívocos e o conecta ao desenvolvimento da divisão social do trabalho: “E não só os operários, mas também as classes que exploram diretamente ou indiretamente os operários são submetidos pela divisão do trabalho, ao instrumento da sua atividade: o burguês de sórdido espírito miserável ao próprio capital e à própria avidez dos lucros; os juristas aos seus ossificados conceitos jurídicos estéreis que o dominam como um poder que paira sobre si próprios; os ‘extratos cultos’ em geral às múltiplas mesquinhez e a unilateralidades do próprio ambiente, à própria miopia física e espiritual, a sua deformidade produzida pela educação imposta segundo uma especialização e pelo aprisionamento por toda vida nesta vinculação da vida natural durante esta própria especialização, mesmo se depois esta especialização é o puro não fazer nada. (p.148)

Assim, nas sociedades evoluídas a alienação se constitui como um “um fenômeno social universal” que se apresenta em ambas as classes e se encarna na psicologia dos indivíduos que formam cada uma das classes antagônicas. Daí porque no sistema do capital a possibilidade de se livrar das alienações é segundo Lukács, “por princípio fortemente restrita”⁸(p.148).

Claro que quando Lukács afirma estes traços da alienação não está se remetendo a forma como o homem individualmente reage diante de cada alienação pessoal, já que é necessário que ele almeje dela se livrar. Porém, mesmo conferindo a devida importância às revoltas singulares não podemos, segundo Lukács, deixar de afirmar que “a luta mais conseqüente, talvez heróica, sobre tal terreno deixa perfeitamente intactas, de costume, as alienações sociais ontologicamente mais basilares” (p.149).

A prioridade das revoltas contra as alienações está no campo da práxis social, desta forma, temos que ter em vista sempre que a alienação não é uma “revelação contemplativa, puramente espiritual”, como afirmavam algumas correntes idealistas que Marx contestava em seus debates com Feuerbach. Marx - desde os manuscritos econômico-filosóficos – já se

⁸ Em Socialismo ou Barbárie, Meszáros demonstra bem essa questão ao afirmar que “A *potencialidade* da tendência universalizante do capital, por sua vez, se transforma na realidade da alienação desumanizante e na reificação” (2003, p.17).

dirigia prioritariamente à práxis social e política que se exprimia na realidade. Em suas palavras:

Mas já que aquelas auto-externalizações (selbstentäusserungen) práticas da massa existem no mundo real de um modo exterior, esta deve necessariamente combatê-las de modo igualmente exterior. Ela não pode de fato julgar esses produtos da sua auto-externalização como sendo somente fantasmagorias ideais, simples externalizações da autoconsciência, e não pode querer acabar com a alienação material com uma ação puramente interior, espiritualista... Mas, para elevar-se, não é suficiente elevar-se no pensamento, e deixar inclinar sobre a própria cabeça real, sensível, o jugo real, sensível, que não é possível eliminar com as idéias. (Apud LUKÁCS, p.149)

Assim, segundo Lukács, a prioridade da práxis se revela de forma tão intensa e determinante que tem o poder de arrancar o indivíduo — mesmo que limitadamente — de uma existência meramente particular e despertar nele uma consciência — mesmo que ideológico-individual — que o impulse a tentar destruir as alienações exatamente ao tentar derrubar as entidades sociais que as estruturam. Pensemos, por exemplo, na discussão dos Manuscritos econômico-filosóficos em que Marx demonstra como os trabalhadores se tornam escravos de seu trabalho, como são alienados dos produtos do mesmo e como são controlados pelo sistema do capital, que apenas se sentem “livres” nas suas “funções bestiais”. Lukács observa que essa exploração do trabalho se dava de forma tão intensa e coercitiva,

Que os operários com o tempo terminassem por rebelar-se contra este estado de coisa, era óbvio. E dado que se tratava de uma situação envolvendo a massa (Massenhaftigkeit) era óbvio que a rebelião assumisse formas não simplesmente coletivas em geral, mas sempre mais evoluídas, sempre mais aperfeiçoadas do ponto de vista tanto organizativo quanto ideológico, de modo que os operários, que no início constituíam apenas uma classe social em-si (“classe nos confrontos do capital”), pouco a pouco se tornavam uma “classe para si mesma”. Até que ponto a intenção de destruir as bases econômicas da alienação ou pelo menos — como objetivo intermediário nesta campanha secular — de tornar mínimos os seus efeitos imediatos sobre a existência material dos trabalhadores (jornada de trabalho, salário, condições de trabalho etc.) era conscientemente ligada à superação das alienações, não parecia no imediato uma questão determinante. (p.150)

Embora a “questão determinante” não fosse a existência de uma consciência intencionalmente voltada para a eliminação das alienações, os trabalhadores ao lutar contra aquelas formas de exploração que os tornavam cada vez mais desumanos tentavam derrubar o sistema de onde emergia aquelas alienações. E isto acontecia sempre ligado a uma progressiva

formação de uma classe cada vez mais organizada e direcionada no sentido de um projeto societário alternativo ao capital, ou seja, de “classe em si” à “classe para si”.

É necessário apontar uma questão de enorme importância para o fenômeno apresentado: “A alienação não deve ser considerada um fenômeno autônomo, nem por maior razão, imediato, ontologicamente central na vida dos homens” (p.150). Sobre essa questão nos debruçaremos nos capítulos seguintes, o importante pontuar neste momento é que a alienação possui sua existência condicionada em todos os aspectos e circunstâncias ao nível e a forma como a esfera econômica da sociedade é estruturada e como se dão as relações de produção. Assim Lukács nos diz que

Por isto, na prática é perfeitamente possível que um tipo de alienação seja eliminada socialmente sem que esta eliminação constitua o conteúdo espiritual daqueles atos através dos quais ela venha a ser praticamente e realmente consumada. Esta objetividade, esta determinação econômico-social das alienações chega ao ponto que, modificando a base real, uma sua forma pode extinguir-se e ser substituída por outra, talvez de natureza completamente diversa, sem provocar nenhuma crise nem objetiva nem subjetiva, por assim dizer, a coisa acontece de modo evolutivo. Por exemplo, Reisman descreve corretamente na essência como nos Estados Unidos foi mudando a consciência daquele estrato que (...) edificava a sua existência moral precisamente sobre o crescente bem-estar, entendendo-o como certitudo salutis; hoje, em tal estrato impera uma consciência de usufruir do consumo de prestígio. (p.151)

A “simples dialética do desenvolvimento econômico”, — o progresso econômico — não garante uma completa superação das alienações, mas antes, pode dar lugar a outros tipos que podem surgir sem nenhum conflito ou impedimento e ainda ser bem aceita pela sociedade em geral, como no caso do consumo de prestígio do qual falaremos mais adiante. Compreender de outra forma seria dar razão àquelas concepções subjetivistas e posteriormente àquelas concepções fruto de um marxismo dogmático que compreendiam tais fatos do ponto de vista de um economicismo. “Contra tais ilusões de um “economicismo” (...) que esperava do livre comércio a ‘redenção’ do mundo no sentido da liberdade universal” (p.151) se cultiva hoje uma crença em uma manipulação que dissolverá todos os conflitos sociais, entre os quais a alienação está presente. Por isso, Lukács insiste em dizer

que a necessidade interior ao desenvolvimento da economia pode, porém fazer diminuir sempre mais o trabalho socialmente demandado para reproduzir a existência humana, fazer recuar sempre mais as barreiras naturais, fazer aumentar sempre mais em termos extensivos e intensivos a sociabilidade da sociedade, de fato pode conduzir as singulares capacidades humanas a níveis sempre superiores, mas tudo isso, como explicamos repetidamente, produz somente um campo de possibilidade para a generidade para-si do gênero humano, mesmo se se trata de um campo real indispensável e inevitável. (p.151 – 152)

O dirigir-se à generidade para-si por não se constituir como “resultado mecânico, espontâneo, do desenvolvimento econômico”, requer a mobilização de outras dimensões da realidade social. Ratificando essa posição Lukács recorda que na miséria da filosofia Marx afirma que “(...) a luta de classe contra classe é uma luta política” (Apud Lukács, p.152). A generidade para-si alcançada pelos trabalhadores não é somente fruto do desenvolvimento econômico, mas da mobilização de vários âmbitos sociais. Tal desenvolvimento é apenas, embora predominante na relação com os demais complexos sociais, um momento da totalidade social.

Cada alienação que surge no âmbito da vida social é “produto da progressividade deste mesmo desenvolvimento objetivo” (p.158). É isso exatamente porque o próprio desenvolvimento objetivo social além de dar vida a novas dimensões que são qualitativa e quantitativamente diversas das anteriores também compõe uma vida social muito mais rica e superior. Segundo Lukács:

Tal traço característico, basilar por delinear a sua constituição ontológica, nos indica novamente a peculiaridade do ser social por nós já conhecida. À primeira vista o aspecto que resulta mais evidente é a desigualdade do desenvolvimento. O fato de que este último possa realizar-se somente criando continuamente novas formas de alienação, é certamente uma clássica manifestação de desigualdade como características dominantes do progresso no seu âmbito. Todavia, também aqui devemos aprofundar um pouco, se queremos colher a verdadeira natureza do fenômeno. Isto quer dizer que precisamente neste caso permanece totalmente evidente que o desenvolvimento social – ainda que cada ato real que o constitua, que o coloca em movimento, nele mantém ou freia o movimento, seja uma posição teleológica – enquanto processo global não possui nenhum momento teleológico: é puramente causal. (p.158)

É justamente esta causalidade que põe em curso o que tínhamos falado mais acima e que Lukács volta a reiterar nessa citação, ou seja, põe em curso aquela desigualdade do desenvolvimento que se torna tão mais visível e profunda quanto maior é o progresso social, sendo este último ainda envolvido por muitas determinações contraditórias subjetivas e objetivas.

O delineamento em termos gerais da desigualdade do desenvolvimento social e do progresso econômico possui enorme importância para discutirmos a expressão mais contemporânea da alienação: a manipulação e a onipotência do ter. Essa análise vai demonstrar cabalmente que apesar do progresso no âmbito do desenvolvimento econômico, apesar das capacidades humanas terem chegado a um nível muito superior de realização, os

homens se afogam cada vez mais numa situação em que sua personalidade pode ser tanto mais aviltada, deformada quanto maior é tal progresso. Com ele a manipulação e o consumo se explicitam em toda a sua plenitude. Passaremos agora a essas questões.

2.2. A onipotência do ter e a manipulação atual

Nesse item nos deteremos sobre a questão da manipulação e do consumo em sua versão mais degenerada no capitalismo contemporâneo. A análise desses aspectos tem um destaque na Ontologia do Ser Social tendo em vista que se desenha um novo fenômeno no interior do desenvolvimento capitalista expresso no fato de que as categorias que inicialmente se realizavam no âmbito da burguesia, passam a fazer parte da vida dos trabalhadores de modo geral. Isto está totalmente articulado com a manipulação da vida dos indivíduos e o seu aprisionamento cada vez mais intenso à mera particularidade. Aqui podemos ver como a alienação é superdimensionada e se insere cada vez mais até mesmo na vida íntima do indivíduo.

O consumo, numa sociedade de classes de tipo capitalista, está totalmente articulado com o domínio do ter na vida humana. Como os produtos do trabalho perdem seu único caráter de valor de uso e se transformam em mercadoria, é apenas enquanto troca universal que eles passam a ser veiculados. Assim, a forma de apropriação das mercadorias se dá por meio da compra e venda desses produtos, e é por este meio que a propriedade se torna mercadoria na sociedade capitalista revelando então, o domínio do ter. Segundo Lukács,

Esta última conseqüência da alienação, o domínio do ter na vida humana, foi resumida por Marx como segue: “A propriedade privada nos fez tão obtusos e unilaterais que um objeto é nosso apenas quando o temos, quando, portanto, existe para nós como capital, o é imediatamente possuído, comido, bebido, carregado sobre nosso corpo, habitado, etc., em breve utilizado... Todos os sentidos, físicos e espirituais, foram, pois substituídos pela simples alienação de todos eles, pelo sentido do ter”. (apud LUKÁCS, p.197)

.No entanto, Marx apenas demonstra em termos gerais como o domínio do Ter está impregnado na vida dos indivíduos. No momento dessa constatação o ter significava a própria existência do trabalhador, pois, só era possível se apropriar do necessário para reposição da força de trabalho necessária ao capital. Era a carência que determinava em que medida o indivíduo deveria ou não consumir determinados produtos. O consumo do trabalhador estava condicionado apenas à sua sobrevivência físico-imediata. Ou seja, “para a massa dos trabalhadores do passado o consumo apresentava-se sob uma forma de substância privativa,

como uma limitação da sua possibilidade de vida, contra a qual necessitava lutar” (p.175). Atualmente o domínio do ter possui uma extensão bem mais ampla e alienadora na vida dos homens.

Acima estão descritos apenas os aspectos mais gerais do consumo e, portanto, do domínio do ter, no estado inicial do capitalismo, mas como sabemos o progressivo desenvolvimento econômico comporta a diminuição da jornada de trabalho e ampliação do tempo livre que influencia diretamente na forma como os indivíduos se apropriam dos produtos desse desenvolvimento humano. Assim, o domínio do ter na sociedade contemporânea se realiza de maneira muito mais universalizante. Ou seja, “na vida cotidiana do operário o poder do ter não se manifesta mais como simples carência, como influxo sobre a sua vida normal do não-ter os mais importantes meios para a necessária satisfação cotidiana das necessidades (...)” (p.197).

O Ter aqui se apresenta em sua máxima potencialidade, pois, desde que a empresa capitalista — na era dos monopólios — se estendeu a todos os setores de consumo e serviços, a vida cotidiana dos indivíduos foi diretamente alterada em termos extensivos e intensivos de maneira nunca antes realizada. Segundo Lukács, nas sociedades precedentes havia uma interferência do âmbito econômico — causada principalmente pela carência — no dia a dia dos homens, no entanto, é apenas no período capitalista contemporâneo que esse fato afeta de forma cotidiana, “diverso, direto, dirigente, ativo” a vida de todos os homens.

Assim, tal generalização do domínio do ter, no mundo atual, além de ser um fato completamente novo, é também abrangente, pois, é raro alguém ter a possibilidade de escapar ou pelo menos parcialmente se esquivar dele. Isso se revela com clareza maior quando sabemos que para a maior parte dos trabalhadores o interesse em melhorar o nível de vida é “valorizado positivamente”. O próprio desenvolvimento das forças produtivas gera nos indivíduos o interesse de usufruir material e espiritualmente dos produtos de suas atividades. Porém, como se trata de uma atividade dominada pelo capital a valorização da melhora do nível de vida é mediada por fortes alienações, pois,

O imediato interesse econômico do capitalismo em relação aos campos por este dominados pelo consumo e pelos serviços parece limitar-se, à primeira vista, ao aumento do comércio e, portanto do lucro. Todavia, para realizar eficazmente este objetivo, deve ser posto em movimento um aparato que não se contenta mais somente em elogiar objetivamente as mercadorias, mas submete os consumidores sempre mais a uma pressão moral. O consumo vai transformando-se sempre mais, segundo as palavras de Veblen, em uma questão de prestígio, de “imagem”, que o indivíduo adquire ou conserva por causa daquilo que ele usa para o próprio consumo. (p.176)

Ou seja, o tempo livre virou tempo para o capital. Ao se preocupar exclusivamente com a acumulação de capital, com o lucro, os capitalistas transformam o consumo na única forma de realização pessoal do indivíduo na sociedade. É apenas na medida em que consome que os homens podem, de fato, se realizar enquanto pessoa. Assim, o consumo é direcionado independente das verdadeiras necessidades dos homens – à consagração da imagem que interesse à carreira do indivíduo. Por isso de acordo com Lukács,

como o indivíduo subordina quanto faz ou não faz na vida cotidiana à construção da sua “imagem”, de uma tal elevação do nível de vida deve derivar necessariamente uma nova alienação, uma alienação sui generis. Aos baixos salários sucedem salários altos, ao pouco tempo livre um tempo livre maior, mas este desenvolvimento elimina algumas das velhas alienações simplesmente substituindo-as por outras, de novo tipo. (p.175-176)

Na vida cotidiana isso é tão real que o tempo livre virou tempo para o consumo de bens e serviços que atendem muito mais decisivamente às necessidades do capital do que as necessidades humanas. Esse novo tipo de alienação se apresenta como “poder explícito do ter”, que empurra todos os homens e grupos a uma acirrada concorrência entre si na tentativa de garantir a qualquer custo o próprio “prestígio pessoal” de acordo com a quantidade e a qualidade do ter. Assim, segundo Lukács o que Marx tinha comentado sobre o ter e a propriedade privada hoje tomam formas e proporções muito mais extensas que só comprovam e atualizam suas concepções. Fica evidente que tal domínio do ter prende objetiva e subjetivamente os homens à sua completa particularidade e os sujeitam a alienações. Ou seja,

Quanto mais decisivamente um sistema tende a fazer com que os indivíduos por eles envolvidos nunca abandonem, o quanto possível, o nível da sua particularidade, tanto maior, tanto menos delimitado pelo espírito crítico é a margem que ele possui para os conteúdos imediatos dos seus objetivos e para a sua motivação ideológica. (p.191)

Apenas verificando em termos gerais o capitalismo atual podemos afirmar, segundo Lukács, que para que o consumo e o domínio do ter assumam uma forma tão intensa é necessário uma manipulação da vida dos homens capaz de impregnar em suas mentes que essa é única forma de garantir realização pessoal e, portanto, de ser aceito enquanto homem moralmente equilibrado. Assim, tal manipulação seja ela econômica, social ou política, serve como reguladora da vida dos homens no sentido de acorrentá-los à particularidade, e desta forma, à situação de alienação.

Como pudemos compreender, o próprio movimento do capital está diretamente interessado em ideologias apologéticas — determinação decisiva da manipulação atual — que

defendam a qualquer custo as novas alienações forjadas pelo progresso econômico desta ordem social. Assim, não podemos esquecer o que já tínhamos pontuado anteriormente que, para superar as novas alienações é absolutamente importante transformar radicalmente a formação econômica, base objetiva na qual as alienações se manifestam.

Quando se trata da autodefesa do capital, a manipulação está interessada primeiramente em subverter as tendências a superação subjetiva da alienação em cada indivíduo particular. Segundo Lukács, “A difusão, a riqueza, a diversidade, etc., de tais movimentos defensivos nos dizem qual grande importância social podem assumir estas tendências, mesmo centradas no imediato sobre o comportamento individual de pessoas singulares” (p. 167). Assim, o próprio objetivo da manipulação demonstra o quanto as próprias revoltas individuais, ao se tornarem generalizadas, podem se concretizar enquanto “fator subjetivo” da luta contra o sistema do capital. Por isso mesmo,

A obra principal dos ideólogos que defendem o sistema em relação a estas oposições freqüentemente mais ou menos indefinidas consiste antes de tudo no afastá-las do conhecimento dos verdadeiros fatos fundamentais da sociedade, no inculcar-lhes como barreira os próprios esquemas de pensamento e, movendo-se por tais caminhos sem direção – nem sempre criados conscientemente – induzi-las a concentrar-se exclusivamente sobre o indivíduo, na sua autonomia aparentemente isolada, isto é, na sua particularidade fixada como irrevogável. (p.158)

Assim, a ideologia veiculada pela classe dominante significa manter os homens em sua completa particularidade, fazendo com que as revoltas contra tal sistema permaneçam sem nenhuma “perspectiva no plano do ser”.

A atual manipulação é posta em ação, segundo Lukács, por meio da “moderna publicidade”. Nesta ocasião ele recorda que Hitler “comparava a verdadeira propaganda política com uma propaganda de sabão tornada modelo” (p.198). Ou seja, os meios de comunicação funcionam, na maioria das vezes, como os transmissores da ideologia burguesa e tais ideologias são inculcadas na mente dos homens da mesma forma como qualquer mercadoria que ao se adquirir pensamos ter nos realizado enquanto pessoa. Daí porque ao investigarmos

a publicidade na sua inteireza social dentro de um país em elevado desenvolvimento capitalista, encontramos que ela se baseia em primeiro lugar como constatava de fato Hitler, sobre uma influenciabilidade quase sem limites dos homens, sobre a crença que, uma vez descoberto o método verdadeiro, se pode impor a eles por sugestão qualquer coisa. Também isto está estritamente articulado à particularidade do indivíduo. (p.198-199)

O que o indivíduo nessas circunstâncias compreende como sua personalidade é exatamente sua particularidade universalizada, ou seja, seu interesse individual. Nas sociedades anteriores “ligadas à tradição esta funcionava por princípio estabilizante”, ou seja, para os indivíduos a necessidade estava em se vincular aos princípios normativos postos para manter a sociedade estável. Na pólis grega em que o homem livre era justamente o cidadão, a particularidade tornada universal coincidia com a própria formação daquela sociedade. No sistema do capital acontece diferente, pois, “isto ocorre por extrema sugestionabilidade” na intenção de manter seu próprio domínio. Porém, em ambos os casos existe a “insegurança interior do homem particular sobre o que propriamente faça dele uma pessoa”⁹. (p.199)

É claro que tal sugestionabilidade amplamente difundida não se realiza completamente na vida dos homens, pois, — se assim fosse não haveria possibilidade nenhuma de superação das alienações — esbarra sempre em um limite, embora, sua tendência esteja sempre ligada à universalidade. É por meio da sugestão que os indivíduos têm sempre a impressão de ter realizado seus desejos e de se apresentarem enquanto pessoa exatamente no momento em que adquirem determinadas mercadorias e serviços que é o interesse da publicidade. De acordo com Lukács,

A ação sobre o indivíduo, portanto, tem em vista antes de tudo fazer com que ele, adquirindo a loção para cabelos, a gravata, o cigarro, o automóvel, etc. em questão ou mesmo indo a determinados lugares de veraneio, etc., se afirme como verdadeira personalidade, reconhecida pelo ambiente. Neste caso, portanto, a apreciação da mercadoria não é primária, como acontecia originalmente nos anúncios que elogiavam as qualidades de uma mercadoria, mas o prestígio pessoal que o comprador deveria alcançar com a sua aquisição. (p.200)

Assim, o referido autor identifica uma dupla tendência que se manifesta abertamente com relação a manipulação veiculada pela moderna publicidade:

de um lado, a intenção de suggestionar, de modelar os homens em uma determinada direção (recorde-se a tese Hitleriana sobre o caráter feminil das massas), de outro, aquela de alimentar a particularidade dos indivíduos, de consolidar neles a idéia imaginária que propriamente este superficial distinguir-se da particularidade obtido no mercado seja o único caminho para tornar-se uma personalidade, isto é, para conquistar-se um relevo pessoal. (p.200)

⁹ Sobre o tornar-se pessoa, Gilmaisa Macedo (2007) tece a importante consideração: “À medida que a sociedade se desenvolve, o indivíduo ganha uma substância pessoal que pode ser abstratamente expressa mediante a autoconsciência da própria individualidade humana. Essa expressão é parte do movimento do seu fazer-se homem e na realidade resulta do movimento real de sociabilidade e individuação pelo qual evolui de mera singularidade até transforma-se em individualidade e personalidade.”

Desta forma fica visível o quanto o capital põe em ação uma série de mecanismos capaz de garantir sua supremacia e como isto está totalmente articulado com o progresso do próprio sistema. A base, portanto, de tal forma de ser da alienação está articulada com a categoria do ter que tenta em todos os aspectos suprimir o ser, suprimir a verdadeira realização do homem enquanto personalidade.

A sugestionabilidade tem o poder de causar a impotência dos indivíduos em relação aos influxos alienantes presentes em “todas as seduções da particularidade” em especial aquelas dirigidas pela publicidade, expressão de uma particularidade universalmente dominante; tem também o poder de adequar correntes intelectuais e morais, muitas vezes até explicitando para esses novos adeptos o quanto esse sistema é nocivo à humanidade. Lukács denomina tal posicionamento de “conformismo não-conformista”.

O conformismo não-conformista, isto é, o sustentáculo de fato a formas de domínio social sobre cuja periculosidade interiormente não se nutrem dúvidas, é o comportamento adotado por aquele estrato relativamente amplo de indivíduos no qual a insatisfação frente aos poderes dominantes começa já a desenvolver-se inicialmente como recusa teórica, mas que habitualmente exprime este seu estado – por vezes até para si mesmos, por vezes só para o público – em formas que não querem nem podem de algum modo perturbar o eficiente funcionamento do mecanismo manipulatório. Por isso esses conformistas não-conformistas, não obstante as manifestações públicas verbalmente de forte crítica diretamente de oposição, permanecem de fato estimados colaboradores da manipulação universal. (p.208-209)

Assim, a moderna manipulação age até mesmo naquelas situações em que uma parcela dos indivíduos acredita está seguindo os passos de outras parcelas de indivíduos que contestam o capital. A moderna manipulação se apresenta, em alguns casos, ligada aparentemente aos interesses da humanidade em geral.

É por isso que Lukács afirma não bastar apenas uma posição verbal de ataque ao sistema – algumas vezes até sinceros, embora, na maioria dos casos em conformidade com o sistema de manipulação – contudo, é necessário engendrar uma práxis que ponha em movimento tal oposição, pois, conforme afirma Lukács,

Não intencionamos dar um voto sobre as motivações. Estas podem, quanto à sua origem, ser de crítica e talvez de recusa, de rebelião contra o existente. Quando, porém os ideólogos, na sua sincera indignação contra Auschwitz, à bomba atômica, etc., traçam uma visão de mundo em que cada revolta contra as alienações é a priori

privada de esperança, eles – a prescindir daquilo que querem - na sua práxis apóiam o sistema de alienação manipulatória¹⁰. (p.232)

Ao apresentar tais fenômenos Lukács revela o “grande influxo que pode ter a valorização geral dos métodos manipulatórios dominantes sobre a decisão do homem singular nas particulares situações problemáticas da vida individual” (p.218). Tal influxo por se tornar generalizante pode até se apresentar enquanto “visão de mundo”. Segundo Lukács, o termo “visão de mundo” tem que ser utilizado com necessária cautela, pois, as formas de execução do *stablishment* vai no sentido de derrubar toda ação contra o sistema parcial ou totalmente organizado, não necessariamente espalhando o terror entre os indivíduos, mas, se utilizando de formas muito mais sofisticadas,

Quando alguém em um bairro residencial americano se impõe uma conduta que intimamente lhe repugna ou mesmo que lhe mantém distante de ocupações, atividades, passatempos, etc. pelos quais ele dentro de si se sente atraído, na maior parte dos casos isto depende efetivamente do puro e simples temor frente à pressão da opinião pública daquele ambiente, que não é certamente privado de eficácia quanto ao seu bem-estar pessoal. Há também casos, e não tão raros, nos quais tal influxo assume um caráter mais espiritual: deduz-se que a realidade seja de fato exatamente assim como é apresentada pela manipulação geral e que, portanto, não se pode contrapor ao mundo universal como indivíduos racionais um comportamento de total negatividade, se não se quiser afirmar também no próprio interior algo incorreto; de fato não se deve dar crédito aos próprios humores e convicções pessoais mais do que à realidade tal como ela é, vivendo precisamente o preconizado – em termos diferentes mas ao fim e ao cabo ao que parece em conformidade – por famosos cientistas, filósofos, artistas etc. do nosso tempo. Em tais constelações não se deve de fato ver, naquele que recua, simplesmente uma manifestação de covardia, conformismo, espírito de renúncia e assim por diante. E ainda que até em tal caso determinante prevaleçam sentimentos e estado de ânimo, e nem sempre racionalizações pensadas até no fundo num plano da racionalidade, não é certamente sem motivos, de um ponto de vista sócio-ontológico, designar estas influências sobre o indivíduo como obra de uma “visão de mundo”. (por isto se coloca entre aspas a expressão *visão de mundo*). (p.219)

Assim, podemos notar uma interferência sempre presente e, muitas vezes renovada, de uma “visão de mundo”, de figurações do mundo sobre as vontades, necessidades, desejos, anseios, consciência dos homens que dirigida por um sistema manipulatório chega a determinar em que medida se dará as tomadas de posição. Por isso, os estratos “racional-científico” que difundem essa visão de mundo às vezes se tornam tão violentos que podem até

¹⁰ Naturalmente pontos de partida de tipo da recusa de Auschwitz, da bomba atômica, etc., não conduzem obrigatoriamente a posições deste tipo. Basta citar, como exemplo em contrário, G.Anders.

chegar a se transformar em motivos impulsionadores do “fator subjetivo” que adquire importância bastante significativa em uma revolução.

Assim, mesmo os resultados do sistema manipulatório podem servir como um dos causadores de sua própria destruição, da própria destruição da alienação. E isto só pode acontecer em constante articulação com a base econômica da sociedade nas quais as alienações se estruturam.

Um traço importante do sistema manipulatório é manter uma sensação de que é impossível a alienação ser superada. Esse fato, em determinados momentos, se torna fundamental por impedir que os efeitos das insatisfações tomem proporções demasiadas e permaneçam desta forma, confinadas a isoladas revoltas ideológico-individual. Para Lukács,

Tais protestos — muito freqüentemente submetidos à conspiração do silêncio ou mesmo criticamente “esmagados” pela máquina da publicidade — permaneceram na prática privados de eficácia. Este aparato de gigantesco, de excelente funcionamento técnico combateu, em parte, toda indicação de rebelião — e, sobretudo — eliminando as necessidades imediatas de bem-estar fundadas sobre o prestígio na vida cotidiana, em parte, mediante a exaltação desideologizante-ideológica deste último, apresentado como o único modo de viver funcional e digno do homem em parte — e também este momento tem um grande peso — afirmando com argumentos científicos, que em geral são pseudocientíficos e manipulatórios, a apriorística falta de perspectiva mesmo só da tentativa de rebelar-se diante da onipotência deste sistema. (p.207-208)

Assim, todo o aparato moderno de defesa do sistema, como já havíamos falado, põe em movimento uma série de mecanismos capazes de garantir que até mesmo as revoltas individuais permaneçam sempre no plano da particularidade, fazendo parecer que ao sistema como tal não há alternativas. Assim, segundo Lukács “A manipulação de forma privada de conteúdo torna-se a única medida de valor” (p.200). E tal manipulação se revela na vida cotidiana, como Lukács assegura na citação acima, como ideologia¹¹ da desideologização¹² que “significa ilimitada manipulação e manipulação de toda vida humana” (p.194).

¹¹ Para Lukács, ideologia “(...) é acima de tudo aquela forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social dos homens consciente e operativa. Deriva daqui a necessidade e a universalidade de alguns modos de dominar os conflitos do ser social. Neste sentido, toda ideologia tem seu ser-precisamente-assim social: ela nasce direta e necessariamente do hic et nuc social dos homens que agem socialmente na sociedade. Este determinismo sobre todos os modos de expressão humana desde sua gênese, exercido pelo hic et nuc do ser-precisamente-assim histórico-social, tem como consequência necessária que toda reação dos homens ao seu ambiente econômico-social pode em determinadas circunstâncias, tornar-se ideologia. Esta possibilidade universal de transformar-se em ideologia comporta ontologicamente que o seu conteúdo (e em muitos casos também a forma) conserve marcas incanceláveis de sua gênese. Que estas marcas se tornem imperceptíveis ou resultem claríssimas depende de sua — possível — função no processo dos conflitos sociais.” (Capítulo da ideologia, trad. ESTER VAISMAN, p. 02-03)

Tal ideologia desideologizante se põe no sentido de impedir o posicionamento ideológico dos homens na intenção de esmagar os grandes sistemas ideológicos que combatem o capital. Ao proclamar o fim da ideologia nada resta senão a “livre” decisão dos indivíduos de acordo com seus interesses pessoais nos quais o capital não interfere porque possui uma posição “neutra”. Não há nada mais falacioso que tal ideologia da desideologização. É principalmente pela incorporação acrítica dessa falácia que,

Essa atitude em relação à realidade (...) somente constata por princípio a existência do homem particular. Como o mercado das mercadorias é a forma objetiva universal em que se desenvolve cada atividade cultural, assim na vida privada dos indivíduos, mediante a manipulação total de todas as manifestações da vida, a particularidade deveria ter o domínio absoluto do ser humano. (p.194)

Essa constatação feita por Lukács é de suma importância, por dois motivos principais. O primeiro é que nunca antes a alienação tinha se tornado um fato tão amplo e difundido como atualmente e depois nunca antes existiu um período em que a verdadeira revolta contra o sistema econômico e contra sua ideologia fosse tão impotente como nos dias atuais.

Como a principal preocupação dessa moderna manipulação é veicular a idéia de que a sociedade do capitalismo atual é o “verdadeiro órgão entre liberdade e individualidade” se percebe um aprofundamento sempre crescente do vazio na vida das pessoas. Tal vazio geralmente impede a própria tomada de consciência do indivíduo em relação à alienação. As revoltas meramente individuais vão parecendo cada vez mais impotentes dando lugar a um profundo vazio na existência humana. O tédio é justamente uma forma de manifestação dessa vida cada vez mais manipulada, cada vez mais alienada. Sobre isto falaremos nesse próximo item.

2.2.1. Tédio: O esvaziamento do sentido da vida

Na sessão anterior discutimos como no sistema do capital a onipotência do ter põe em movimento uma série de mecanismos que visa manipular a vida dos homens no interesse de

¹² Os partidários da desideologização, ao negar a continuidade da existência de conflitos sociais e proclamar que a integração social deve ser feita apenas por acordos racionais, admitem a ideologia apenas como falsa consciência. Eles não compreendem que o que define a ideologia, como já falamos, é a influência das ideias nos conflitos humano-sociais. Um dos maiores expoentes americanos dessa posição é Daniel Bell que em seu livro “*O fim da ideologia*” parte do ponto de vista que a teoria social deve ser neutra. No Brasil foi publicado algum tempo o livro de Marilena Chauí denominado “*O que é ideologia?*” que também ratifica a posição da desideologização.

mantê-los imersos em sua particularidade e, portanto, afogados em alienações. Principalmente os meios de comunicação, a moderna publicidade, são os veículos de transmissão das ideologias burguesas para a massa da população.

Tal ideologia tem como principal objetivo garantir o domínio cada vez mais penetrante do ter por meio do consumo — que ao atingir a moral e a imagem dos homens se eleva a consumo de prestígio — na vida cotidiana dos indivíduos. Este fato está articulado àquela ideia de que somente no mercado é que os homens conseguirão de fato satisfazerem seus desejos, até os mais íntimos, e portanto, alcançarem a efetiva liberdade e felicidade. Quantas não são as propagandas de mercadorias que se dirigem, talvez até unicamente, independente da qualidade do produto, a elevação do prestígio do indivíduo?

Ao se afirmar o consumo daquelas mercadorias como única forma de satisfação das necessidades e desejos humanos e submeter a este fato o sentido da vida humana, logo após a apropriação desses produtos e a aparente realização dos indivíduos, o que pode sobrar senão o tédio que é um imenso vazio e uma sensação de incapacidade diante da vida. O tédio que atinge o homem singular, é assim, fruto de todo sistema manipulatório posto em movimento para garantia da perpetuação do estado de coisa atual.

Segundo Lukács, “no homem o tédio se desenvolve necessariamente e torna-se sentimento dominante quando a vida é privada de sentido” (p.204). Ao constatar esse fato Lukács está discutindo com aqueles ideólogos que concebem o ser social como a - histórico e, por isso, defendem que o tédio é aquele estado de ânimo inevitável do ser que se manifesta assim que suas necessidades são satisfeitas. Ao apontar essas questões Lukács cita uma passagem de Schopenhauer que diz,

“Que após a necessidade se encontre subitamente o tédio, o qual agride até os animais mais inteligentes, é uma consequência do fato de que a vida não tem um verdadeiro conteúdo autêntico, mas é mantida em movimento somente pela necessidade e pela ilusão: mas assim que este movimento diminui, se revela toda a aridez e o vazio da existência” (apud LUKÁCS, p.204).

Para Lukács,

A dogmática inversão de Schopenhauer está no fato que ele, com uma avaliação apriorística, nega ao ser todo o sentido, sem dar-se conta que o ser da natureza não pode revelar-se nem sensato nem absurdo, porque nela o sentido não existe ontologicamente, e que somente no ser social, nas posições teleológicas, nas suas combinações e consequências, surgem formações — em primeiro lugar a vida dos indivíduos — às quais podem ser adequadamente empregadas as categoria da sensatez, que é específica deste ser. (p.204)

Ou seja, segundo Lukács, Schopenhauer apesar de ter apontado para um problema real dos homens não consegue ultrapassar a posição metafísica, abstrata de sua concepção e exatamente por isso, generaliza o fenômeno do tédio não distinguido entre as particularidades próprias do ser natural e do ser social, e não compreendendo que apenas nesse último o tédio pode se manifestar. Tal inversão da concepção de Schopenhauer não permite que o mesmo perceba que uma constatação tão verdadeira e fundamental que é a da existência do tédio na modernidade possa ser compreendida apenas no período histórico correspondente ao capitalismo avançado e como fruto de uma vida vazia de sentido.

O tédio, assim, não é um mero produto da psicologia dos indivíduos, mas antes, se origina de uma “constelação sócio-ontológica” que envolve uma série de questões efetivamente existentes que permeiam a vida objetiva e subjetiva dos homens. Assim, de acordo com Lukács,

Um ser social que seja orientado prevalentemente e antes, como acontece com frequência, potencialmente de maneira exclusiva em relação às necessidades da particularidade, produz por necessidade ontológica o tédio em termos de massa propriamente quando parece ter satisfeito as suas necessidades. E isto é sem dúvida, um dos fenômenos ideológicos mais relevantes da vida atual nos países capitalistas avançados. O desejo inextinguíveis de sensações, que vai da moda dos happenings, do voyeurismo sexual, etc. até ao culto das drogas, à admiração e certamente à prática dos homicídios “desmotivados¹³” etc., é sem dúvida um produto da vida cotidiana totalmente manipulada, da superficial despreocupação, do tédio que obrigatoriamente se origina de tal modo de viver e que é sentido como sempre mais opressor. (p.205)

Esse último fato citado por Lukács, o de uma constante opressão, pode se tornar um motivo de revolta contra o tédio e muitas vezes contra o próprio sistema manipulatório, embora na maioria dos casos não seja bem entendido e, portanto, não seja dirigido contra as alienações.

O tédio é tão generalizado entre os homens – independente da classe a qual estes pertençam – que pode se elevar ao nível de uma rejeição diante da manipulação da vida, ou seja, pode se revelar enquanto “motor de uma subversão social”, embora tal elevação tenha que ser vista com bastante cautela porque o tédio possui um “caráter puramente negativo”. Lukács ilustra tal afirmação da seguinte forma,

¹³ O grande e crescente número de serial killers encontrados principalmente nos Estados Unidos tem aí seu fundamento. Uma vida vazia de sentido – um tédio cada vez mais intenso – pode produzir tais tipos de efeitos nos indivíduos que os levem a recorrer a métodos de sadismo puro. Embora não seja uma regra, se trata de um fato real.

O fenômeno, porém é a tal ponto difundido em termos de massa, e algumas vezes conduz a comunicações aliás, a reagrupamentos tão sólidos, que eleva-se ao modo social de apresentar-se da ordem social vigente, a germe de uma ideologia da rejeição universal diante da alienação na vida manipulada. Sob este aspecto, todavia, deve-se apreciar com muita cautela – rebus sic stantibus – a sua função de motor de uma subversão social. Em primeiro lugar por causa do caráter puramente negativo do próprio tédio. Thomas Mann na novela *Mário e o mago* trouxe a luz agudamente e descreveu os limites da mera negatividade no agir individual, na resistência individual, colocando antes de tudo o acento no fato que “a alma não pode viver da não-vontade, não querer fazer uma coisa, por muito tempo não é conteúdo de vida. (p.206)

Isto nos diz o quanto há um limite intrínseco aos atos de revoltas individuais, porém esses atos podem ser tanto mais eficazes quanto estiverem articulados com um plano social mais amplo que emerge enquanto fator subjetivo de uma transformação social. Só assim é possível combater realmente as alienações que se realizam por meio do sistema manipulatório.

A alienação que aqui estamos o tempo todo nos referindo por meio da manipulação da vida – levada a cabo pela desideologização – faz com que os indivíduos estejam conformados com essa vida cotidiana e que a mesma se apresente como uma vida normal e mais que isso, que seja a única possível para os homens, que diante dela nada seja possível fazer. Isso não elimina o fato de que haja uma crescente insatisfação suscitada pelo tédio, mesmo que tal insatisfação seja “surda”.

Não podemos deixar de assinalar que o tédio também defini o comportamento das pessoas no que se refere às alienações. Assim, cada pessoa ao tomar uma decisão deve se posicionar de alguma forma diante do que gera a sua insatisfação, seu tédio na sociedade em que vive. Se esse posicionamento é conformista, se pode dizer que

Se a validade social e teórica da manipulação parece inatacável, pode verificar-se muito facilmente que – não obstante a insatisfação interior, não obstante o tédio profundamente sentido e bastante difundido, etc. – não somente a rebelião contra a alienação não assuma formas gerais, socialmente conscientes, mas também o âmbito das revoltas individuais se limite a fenômenos excepcionais. (p.215)

Podemos dizer que a “visão de mundo” tornada dominante e dirigida pela manipulação da vida pode primeiramente fazer as alienações parecerem algo tão profundamente enraizado que se torne impossível suprimi-la da vida dos homens seja subjetivamente seja objetivamente. Mas, como o próprio Lukács já tinha deixado claro, pode servir como motivo para uma posição inversa.

A crescente difusão do tédio por certo pode largamente caçar um fosso, erradicar em grande escala no sujeito a primeira dessas tendências, mas pode tornar-se um verdadeiro fator social apenas quando as bases gerais da vida conduzida de tal maneira começam a perder a sua aparente estabilidade, quando pela sua compacta homogeneidade emergem à luz do dia as insolúveis contradições que lhes são latentes. Então pode tornar-se componente ativo do fator subjetivo também o descontentamento que até aquele momento se expressou como tédio, ou seja, negativamente. (p.206-207)

Em todo caso essa possibilidade está ligada aos próprios defeitos do sistema que ficam cada vez mais claros, “as mesmas bases do sistema vão tornando-se sempre menos certas” (p.214). E como nenhum sistema econômico, social e político é absoluto e eterno, como o sistema do capital não é o fim da história como muitos teóricos apologetas querem inculcar em nossas cabeças, o próprio sistema começa a revelar fendas.

O próprio progresso do capital que está voltado diretamente para maior produção¹⁴ de mercadorias e maior expansão do setor de consumo e serviços se esbarra com um limite que é insuperável. Diante disto, os próprios homens têm a possibilidade de reagir com vistas a eliminação do capital e a realização de vida mais autêntica.

Segundo Lukács, não é possível antecipar a tendência de tais acontecimentos futuros, principalmente quando se trata de um fenômeno tão difundido e sofisticado como a alienação, mas,

No plano filosófico a única coisa visível é que – e não é pouco – cada autêntico repúdio da manipulação, cada autêntico movimento para superá-la, contem em si, como sua essência, um dirigir-se espiritual ou mesmo prático à própria realidade – ao ser social enquanto base de cada pensar e fazer – que são capazes de conduzir na teoria e na prática as posições teleológicas. O embate que, socialmente, derivará disto e que irá adquirindo sempre maior intensidade, entre o ser social e as tentativas e os métodos da sua manipulação constituirá previsivelmente o conteúdo mais profundo das arriscadas batalhas espirituais e também o centro mais ou menos consciente das lutas político-sociais. Será portanto o retorno ao ser social, considerado como base insuperável de toda a práxis humana e de todo o verdadeiro pensamento, que caracterizará o movimento de libertação da manipulação em todas as esferas da vida. Esta tendência de fundo é, enquanto tal, filosoficamente previsível. (p.238)

¹⁴ Em um texto intitulado “*A crise estrutural do capital*” (2000), Meszáros, ao falar da reestruturação produtiva demonstra bem esse estado de coisas quando afirma que o capital subordinando a sociedade a seus interesses desvinculou “seus antigos componentes orgânicos demolindo as barreiras que impediam o desenvolvimento de alguns novos componentes vitais”. Assim “o capital, como um sistema orgânico global, garante sua dominação, nos últimos três séculos, como produção generalizada de mercadorias”. (p.08)

Porém, para que o homem seja capaz de se dirigir efetivamente contra as alienações do sistema manipulatório, é preciso ter em mente que até aquele momento os mesmos foram guiados por objetivos falsos, que divergem do verdadeiro interesse humano e que somente aderindo a uma posição crítica diante de tal estado de coisa é que poderá se livrar do tédio que o consome e engendrar uma práxis nos sentido de se realizar enquanto ser humano.

2.3. A dedicação a uma “causa” como um momento da luta pela libertação da alienação

Como vimos até agora, a alienação é um fenômeno que possui a sua base social no sistema econômico dominante de um dado período histórico, no entanto sua manifestação incide muito mais diretamente sobre o indivíduo, justamente porque esta manifestação depende de como as exteriorizações retroagem nesses mesmos indivíduos.

Já temos claro, porque já foi discutido anteriormente, que só é possível superar as alienações mais basilares subvertendo o sistema econômico no qual elas estão estruturadas – e isto só é possível com uma organização e uma consciência de classe que ponha abaixo o capital – porém, é de absoluta importância que os homens em suas práticas cotidianas lutem – mesmo que de forma ideológico-subjetiva – contra tais alienações. É justamente neste sentido que a dedicação a uma causa de relevo social se põe com enorme importância frente as alienações.

Lukács inicia essa discussão afirmando que ao nos ocuparmos do problema da alienação é necessário ter em vista o “fenômeno crítico-social da dedicação, às vezes absoluta a uma causa” (p.180), visto que as generalizações que vão além do fenômeno por nós abordadas são importantes para sua investigação. Para Lukács,

É falso manter, e somente no âmbito de um individualismo tão abstrato e insensato como aquele hoje dominante se pode imaginar que uma tal dedicação deva, forçosamente, conduzir a uma alienação dos sujeitos. Exatamente ao contrário: sem dedicação a uma “causa” de natureza social, porquanto em si relevante, o homem permanece fixado no nível da sua particularidade e é privado de defesas frente a qualquer tendência alienante. Todavia, mesmo sendo um princípio de elevação para além da particularidade, a dedicação a uma “causa” jamais opera como princípio geral, como abstrato em-si; ao invés, aquilo que ela extrai de um indivíduo é o resultado de uma dupla dialética: depende do quanto é forte, pura, altruísta etc, a dedicação do indivíduo à “causa” e ao mesmo tempo (mesmo quando exista conflito) de que coisa tal “causa” realmente representa no desenvolvimento social (p.180-181).

Assim, segundo Lukács, a dedicação a uma causa é de suma importância para se realizar como ser não-mais particular. Porém, não se trata de ação simplesmente exegética, em que uma grande dedicação a qualquer coisa conduza o indivíduo a eliminação das alienações. Pelo contrário, alguém que deseje por meios das suas escolhas individuais eliminar subjetivamente suas próprias alienações deve possuir uma “perspectiva – de natureza social, orientada, ainda que em termos trágicos, no sentido de qualquer manifestação da generidade para-si (...)” (p.163).

As diversas perspectivas que podem surgir nos indivíduos são dadas pela vida cotidiana. Assim, a perspectiva de uma vida melhor, ou de fato nova, deve guiar as escolhas que são feitas pelos indivíduos em seu dia-a-dia. Essa perspectiva possui no âmbito da vida cotidiana a sua existência real, concreta articulada à ação do indivíduo. Tal ação obedece a “princípios gerais pelos quais a base que geralmente move a decisão é um estado desejável para todos” (p.226).

Considerando esses princípios gerais, na ação cotidiana, é bem possível que o interesse de uma vida melhor ao adquirir certa generalização entre os indivíduos contribuam para impulsionar o “fator subjetivo da história”. Assim, segundo Lukács,

Em períodos de forte transformação ideológica, que frequentemente preparam as subversões, em geral emergem simultaneamente os aspectos positivos e negativos das perspectivas: a esperança de uma transformação geral das formas de vida espontaneamente ligadas ao bem-estar pessoal implica no mais na mesma cotidianidade também uma negação do presente (ou de suas formas determinadas). (p.226-227)

Lukács nos diz que apenas na ética se poderá discutir os pormenores da problemática que daí surge. O importante aqui é ressaltar que há uma dupla dialética no que diz respeito à dedicação a uma “causa”,

Aqui devemos nos limitar a constatar em geral que nesta dúplici dialética – até a dedicação a uma “causa” de progresso pode assumir nos indivíduos que a defendem formas humanamente alienadas e, ao invés, na defesa daquilo que é socialmente nocivo pode ocorrer em si, mesmo de maneira excepcional, uma conduta humana subjetivamente pura – cabe ao momento social, de qualquer modo, a função de momento predominante. (p.181)

Essa constatação de Lukács fica mais visível quando ao se tratar das atitudes pessoais do indivíduo, a dedicação verdadeira a uma causa que possua um caráter social regressivo muitas vezes enreda tal indivíduo num embaraço de contradições. Aqui Lukács recorre novamente aos exemplos da literatura que em sua opinião descreve fielmente como a dupla dialética apresentada por ele logo acima pode existir.

Na literatura, a dialética de tal constelação é representada de maneira exemplar em Dom Quixote, onde, enquanto se conserva plenamente a pureza subjetiva do herói na dedicação a sua “causa”, a insensatez anacrônica desta última, exprime-se continuamente na forma da mais crua comicidade. Este dualismo de todo conflitual, porém, não é mais que uma expressão generalizada – em si profundamente verdadeira – da efetiva situação social sobre a qual esta se baseia. (Quando se estudam as relações sócio-ontológica, necessitaria estar atento aos grandes produtos da arte, muito mais do que aqueles que ocorrem normalmente. Frequentemente eles são documentos de grande importância das situações ontológicas gerais e das suas mudanças, propriamente por causa do específico sentido da realidade com a qual estabelecem e representam as interrelações entre a interioridade humana e as objetivações do ser). Aquilo que Cervantes deu forma de uma comicidade superpotente, na vida cotidiana (e também na política) se apresenta assim: o conteúdo social objetivo refuta sistematicamente o entendimento subjetivo que guia a práxis e o converte no seu oposto. (p.181)

Aqui se encontra reafirmado mais uma vez que a prioridade da execução da práxis é sempre da base objetiva. Não se pode lutar efetivamente contra uma situação que a realidade não permita alterar, pois, a dedicação a uma causa nesse caso – mesmo que bem intencionada – não se põe efetivamente contra a alienação, pelo contrário, submete o indivíduo a novas formas alienantes e o prende ainda mais a sua particularidade.

Assim, a maneira específica de dedicação a uma causa por incidir diretamente na subjetividade do indivíduo possui um peso importante. Segundo Lukács, a ação dos jovens quando se trata da dedicação a uma causa demonstra efetivamente como isto acontece por terminar “do mesmo modo ou na fidelidade (lúcida ou obtusa) a ela, ou na passagem a um campo diverso, ou mesmo ainda na perda da capacidade de dedicação em geral”. (p.182) Embora nesse caso a prioridade pareça ser da subjetividade é apenas um engano, pois, de acordo com Lukács,

Aqui o momento subjetivo parece ser aquele nitidamente determinante. Mas se trata de uma aparência, porque propriamente neste caso torna-se óbvio o peso decisivo da “causa” que suscita a dedicação: os movimentos juvenis tão frequentes na última metade do século o mostram com a máxima evidência, e tanto mais quanto mais dão valor central a própria juventude. Isto indica que na dedicação a uma “causa” propriamente esta última tem a função determinativa de maior peso que, porém, se se quer entendê-la corretamente jamais se deve interpretá-la em termos apenas formais. A ausência de formalismo pode ser verificada examinando se e até que ponto uma dedicação é capaz de induzir o indivíduo a elevar-se para além da própria particularidade, mais que dar lugar a uma paixão duradoura. (p.182)

E isto propriamente porque, de acordo com nosso autor, a dedicação apaixonada pode também se ocupar de coisas “irrelevantes”. A manipulação atual, da qual falamos anteriormente, incentiva esses tipos de hobbies na intenção de acorrentar o homem na sua mais completa particularidade. A dedicação apaixonada de colecionadores, de apostadores, “desbravadores” do mundo etc, são alguns exemplos de uma situação em que ao invés de fazerem os homens se livrarem das alienações, essas últimas são suas próprias motivações. Lukács afirma que,

O mesmo vale para a dedicação a um trabalho. Naturalmente existem soldados, magistrados, funcionários públicos, etc. que se limitam ao correto cumprimento do dever e outros que são movidos com a mais viva ambição. Mas também aqui da mera dedicação não deriva nenhuma elevação do indivíduo para além da sua particularidade, no máximo se tem um desestímulo da personalidade na dedicação específica a uma única coisa, que só na imaginação do sujeito é uma “causa” no nosso sentido. O sujeito, enquanto tal, se desencanta também no amplo arco que vai do especialismo à extravagância. (p.182-183)

É necessário então dizer que uma dedicação a uma “causa” genuinamente progressiva tem que está dirigida a fazer com que o homem ao se elevar ao plano da generidade para-si se livre das alienações – ainda que subjetivas – e se conecte com as questões próprias do gênero humano, pois, só por este caminho é possível superar a mera particularidade. É claro, que neste sentido não estão excluídas outras formas de alienação,

Pelo contrário, uma “causa” fundamentalmente regressiva deve conter em si tendências à manutenção de velhas alienações, visto que ela pretende objetivamente conservar – com ou sem “reformas” adequadas aos tempos – as velhas formas de exploração e de opressão. Porquanto, ainda que a dedicação mesmo sincera afaste o indivíduo da sua normal particularidade, as ações que ele é constringido a cumprir acabam por reconduzi-lo a velhas e novas alienações. O caso-limite literário de Dom Quixote exprime esta dialética a um nível em que o velho se apresenta somente de uma forma extremamente sublinhada no plano intelectual e moral, pelo que suscita sentimentos cômicos. Mas se trata de um caso-modelo que, exatamente enquanto impulsiona aos extremos, com a máxima verdade, um momento sócio-ontológico, na realidade só ocorre raramente. (p.183-184)

Porém, se levarmos em consideração aquele tipo de causa que conecte o interesse do indivíduo ao da humanidade “o socialismo assume em tal complexo problemático um posto todo seu” (p.184) Nesse sentido, é absolutamente necessário um conhecimento verdadeiro da realidade que ao se colocar como dirigente da práxis permite a recuperação real do ser

humano. Nesta empreitada o homem se volta a construção de uma verdadeira personalidade humana e se põe contra aquele sistema manipulatório.

Claro que a conduta correta, teórica e prática, assumida pelo indivíduo em sua luta contra as alienações, em sua dedicação a uma “causa” verdadeira, não impede que alguns erros no plano subjetivo e objetivo sejam cometidos. Contudo, o que importa é que permaneçam pulsantes os elementos principais da dedicação a essa causa que os coloca em uma dimensão superior em relação ao sistema manipulatório do capital ou até mesmo as deformações do marxismo oriundas das práticas stalinistas.

Para que uma estrutura social seja essencialmente abalada é necessário “desencadear nos homens ondas de entusiástica dedicação” e isso só acontece porque “na base existe um adensar-se de idênticos atos individuais no momento do fator subjetivo, o traduzir-se na prática das possibilidades máximas naquele momento da genericidade humana ao pólo da vida individual” (p.175).

Para se compreender verdadeiramente o fenômeno da alienação deve se ter em vista que a autolibertação do homem de sua alienação só pode ser realizada mediante uma posição crítica em relação aos mecanismos contraditórios; e como não se trata de uma luta interior ao indivíduo é necessário articular ao movimento social geral tal posição crítica. Somente quando causa defendida for a da pessoa e a da humanidade é que uma transformação social poderá ser concretizada.

Nesse capítulo nos dedicamos a demonstrar como a alienação se manifesta na sociedade capitalista contemporânea. No entanto, a exata compreensão desse fenômeno não é possível desarticulada de sua gênese. O próximo capítulo será dedicado ao exame dessa problemática.

3. FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS DA ALIENAÇÃO

Neste capítulo discutiremos o lugar ontológico da alienação como um fenômeno histórico-social cuja gênese se encontra no processo de objetivação e exteriorização do homem, nas suas escolhas. Daí porque as alternativas são fundamentais no progredir ou retroagir das alienações, sabendo-se que são determinadas pelo processo de sociabilização efetivamente existente em cada momento histórico. Por último demonstraremos como esses aspectos ontológicos gerais da alienação possuem estreita ligação com a sensibilidade humana, visto que o processo de humanização (ou desumanização) envolve a vida dos sentidos humanos, e neste caso, também a alienação se manifesta.

3.1. A gênese onto-histórico-social da alienação

Lukács inicia sua discussão afirmando que é absolutamente necessário investigar o devido lugar que a alienação ocupa no complexo social geral no qual está inserida. Assim, tomando como base o seu lugar no complexo total do ser social, trata-se de um fenômeno exclusivamente social, determinado historicamente por diversas formações sociais não possuindo nenhum caráter natural, visto que somente os homens podem criar obstáculos ao seu próprio desenvolvimento. A constituição histórica da alienação faz com que esta assuma características específicas de um determinado período do desenvolvimento da humanidade. Sendo assim, a alienação é para Lukács¹⁵ um fenômeno

exclusivamente histórico-social, que se apresenta em determinada altura do desenvolvimento existente, a partir desse momento, assume na história formas sempre diferentes, cada vez mais claras. Logo, a sua constituição não tem nada a ver com uma condition humaine e tanto menos possui uma universalidade cósmica. (p.1).

Porém, esse ponto do qual Lukács parte, encontra “escassa atualidade” em um momento em que a posição dominante é justamente aquela que ao generalizar este fenômeno como objetivação, parte de um pressuposto lógico-especulativo. Para Lukács, a discussão com

¹⁵ LUKÁCS, G. Per una ontologia dell'essere sociale, Roma: Riuniti, 1983. As traduções para a língua portuguesa no Brasil, do capítulo do Trabalho, da Ideologia e da Alienação, foram feitas respectivamente por Ivo Tonet, Ester Vaisman e por Norma Alcântara e este último ainda contou com a efetiva contribuição de Gilmaisa Macedo da Costa e Sérgio Lessa.

Hegel sobre essa problemática é absolutamente importante, visto que a concepção marxista possui aí sua gênese.

Hegel compreende o movimento de constituição do ser social como movimento contraditório que se passa no interior da consciência. Segundo Lukács:

A interpretação generalizada do problema tem em Hegel raízes lógico-especulativas, ela deve conduzir a fundar o pensamento absoluto, cuja encarnação adequada – mas levada até o fim com coerência, somente no sentido negativo – é o sujeito-objeto idêntico. (...) Por isso, a questão central do nascimento e fim da alienação é a essência e a superação da objetividade como tal na autoconsciência, o que conduz o processo a pôr o sujeito-objeto idêntico (...). (p.2)

Toda a discussão incorporada por Marx, segundo Lukács, se posiciona de forma ontológico-materialista contra esta abordagem. Apropriando-se dos ensinamentos marxianos, Lukács produz um conhecimento filosófico que não elimina nem a dimensão econômico-social nem a dimensão individual subjetiva do sujeito humano que produz coisas enquanto produz a si mesmo. Assim, a objetividade não é uma realização do pensamento que se põe, mas uma concretude pertencente a todo ser do qual o próprio pensamento não pode se abster sem cair em deformações subjetivistas. Para demonstrar a validade dessa concepção ele recupera uma longa citação de Marx que diz:

Que o homem seja um ente corpóreo, dotado de forças naturais, vivente, real, sensível, objetivo, significa que ele... pode manifestar a sua vida somente em objetos reais, sensíveis. Ser objetivos, naturais, sensíveis e ter, outrossim, um objeto, uma natureza e sentidos fora de si é a mesma coisa de sermos nós próprios objetos, natureza, sentido para com terceiros. A fome é uma necessidade natural, precisa, pois, de uma natureza exterior, um objeto exterior para satisfazer-se, para acalmar-se. A fome é uma efetiva necessidade que um corpo tem de um objeto existente fora de si, indispensável à sua integração e à expressão do seu ser... Um ente que não tenha fora de si a sua natureza não é um ente natural, não participa do ser da natureza. Um ente que não tenha algum objeto fora de si não é um ente objetivo. Um ente que não seja ele mesmo objeto para um terceiro não tem nenhum ente como seu objeto, isto é, não se comporta objetivamente, e seu ser não é nada de objetivo. Um ente não objetivo é um não-ente. (Apud Lukács, p.3)

Desta forma, Lukács postula contra o posicionamento idealista hegeliano a existência do ser em si, do ser que se projeta e se exprime corretamente no pensamento e a partir daí determina ontologicamente a alienação que se realiza processualmente no ser real do homem. Assim, segundo Lukács, o que determina a alienação - diferentemente de Hegel em que a alienação é a objetivação do ente humano em oposição ao pensamento abstrato - é, seguindo

na mesma rota de Marx, a objetivação do homem que se põe em confronto consigo mesmo, que não se reconhece em sua própria atividade.

Essas primeiras considerações versam apenas sobre a verdadeira gênese da alienação, ou melhor, “determina apenas o lugar ontológico da alienação” (p.4), como nos diz Lukács. A substância real constituinte da alienação só pode ser examinada tendo em vista os diversos momentos históricos em que ela é forjada e as diferentes situações concretas nas quais toma forma.

Segundo Lukács, Marx demonstra em inúmeros contextos o lugar da alienação no desenvolvimento da sociedade. Em uma discussão contra Sismodi, no seu texto teoria da mais-valia, Marx afirma que:

Não se compreende que este desenvolvimento das capacidades da espécie homem, ainda que se realize primeiramente às custas do maior número de indivíduos humanos e de todas as classes humanas, parta, enfim, deste antagonismo e coincida com o desenvolvimento do indivíduo singular, que, portanto, o mais alto desenvolvimento da individualidade seja obtido somente através de um processo histórico no qual os indivíduos são sacrificados”. (apud LUKÁCS, P.4)

Ao recuperar essa citação do Marx, Lukács demonstra a contradição dialética que se realiza como a própria alienação. As capacidades humanas se alargam na mesma medida em que as forças produtivas se desenvolvem, no entanto, nesse mesmo processo, cada vez mais os homens perdem material e espiritualmente o domínio de si e da realidade que eles mesmos põem, chegando até em situações de barbárie. Assim, segundo Lukács “(...) o desenvolvimento das forças produtivas provoca diretamente um crescimento das capacidades humanas, mas pode ao mesmo tempo e no mesmo processo sacrificar os indivíduos (classes inteiras)” (p.5).

Daí podemos tirar três conseqüências importantes. Primeiro: Lukács está dizendo que as forças produtivas constituem momento predominante em relação ao desenvolvimento das capacidades humanas. Ser momento predominante quer dizer simplesmente que é essa a base ontológica de uma categoria em relação à outra e isso não pode ser invertido. Segundo: Desenvolvimento das capacidades humanas tem em Lukács um sentido muito amplo, de tal modo que a capacidade humana de trabalho corresponde em Marx à força de trabalho. Terceiro: esse trabalho pode ser realizado de maneira perversa, opressora, como acontece nas sociedades de classes.

Desta forma, podemos compreender que a produção realizada nos marcos de uma sociedade de classes não possui como fim a satisfação das necessidades humanas.

Principalmente na sociedade do capital, sociedade esta que possui um elevado grau de socialização, o desenvolvimento das capacidades humanas está voltado para a produção de mercadorias (meras necessidades do capital) e não direcionadas a promoção do homem enquanto medida de todas as coisas.

A contradição de fundo, então, é anunciada por Lukács da seguinte forma:

o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente também o desenvolvimento das capacidades humanas, mas — e aqui emerge plasticamente o problema da alienação — o desenvolvimento das capacidades humanas não produz obrigatoriamente aquele da personalidade humana. Ao contrário: justamente potencializando capacidades singulares, pode desfigurar, aviltar, etc. a personalidade do homem. (p.5-6)

É importante também afirmar que a emergência de uma personalidade humana aviltada interessa diretamente a um desenvolvimento das forças produtivas e das capacidades humanas que tem como princípio a produção e reprodução uma sociedade de classes. Seu momento mais elevado é a produção do capital como eixo central de tal desenvolvimento.

Para ilustrar a efetividade de tal contradição, Lukács recorre às análises de Ferguson sobre o trabalho na manufatura¹⁶ e Wright Mills observando as modernas estruturas de produção em que a personalidade é constantemente aviltada para que o trabalho seja cada vez mais eficaz e produtivo no processo de acumulação do capital. Sobre a manufatura Ferguson afirma:

Muitas atividades, com efeito, não requerem nenhuma atitude espiritual. Elas são mais bem sucedidas quando estiverem totalmente reprimidos o sentimento ou a razão, e a ignorância é a mãe, tanto da operosidade como da superstição... Em conseqüência, as manufaturas prosperam ao máximo grau onde menos o espírito esteja envolvido e onde a oficina, sem particular esforço da fantasia, possa ser considerada como uma máquina cujas partes singulares sejam constituídas por homens. (apud LUKÁCS, p.7)

A manufatura, portanto, enquanto condição do capital se desenvolver intensificando a produção limita cada vez mais a personalidade humana e utiliza o trabalhador apenas enquanto apêndice da “máquina”. E aqui não se trata apenas daquele período relativo à manufatura necessário para consolidação do capital, antes, significa o próprio metabolismo

¹⁶ Sobre a manufatura Marx afirma: “A unilateralidade e mesmo imperfeição do trabalhador parcial tornam-se sua perfeição como membro do trabalhador coletivo. O hábito de exercer uma função unilateral transforma-o em seu órgão natural e de atuação segura, enquanto a conexão do mecanismo global o obriga a operar com a regularidade de uma máquina” (MARX, 1986, p. 276).

deste sistema. Por isso que sobre formação da personalidade dos homens nas modernas estruturas de produção, Mills diz:

O mal-estar moral do nosso tempo é devido ao fato que os valores e os critérios mortais de outros tempos não mais se apoderam dos homens da época dos grandes grupos econômicos, mas nem por isso foram substituídos por novos valores e critérios que atribuam um significado e uma sanção moral à vida e às carreiras que se desenvolvem no mundo dos grandes grupos (Apud Lukács, p.6).

Tais considerações comprovam que quanto mais desenvolvidas as relações de produção estabelecidas entre os homens, mais a personalidade humana é limitada e até mesmo deformada. Nos exemplos que Lukács apresenta, que de certa forma segue a evolução do sistema do capital, podemos observar claramente a constituição de uma personalidade cada vez mais precária, que é desigual em termos de desenvolvimento em relação à formação das capacidades dos homens. Mas, não se deve perder de vista que se trata de relações contraditórias: o desenvolvimento das capacidades promove também o desenvolvimento das individualidades, só que estas se tornam propriedades do capital é isso que está em relevo no problema da alienação. Ou seja, ocorre uma redução das personalidades a uma média das capacidades humanas necessária à reprodução do capital. Tanto no período manufatureiro quanto no período mais atual dos especialistas do trabalho em *team* a tal contradição fundamental a qual já aludimos e que funda a alienação, mesmo que esta se apresente de formas variadas, fica bem demonstrada. Assim,

(...) também as alienações podem ter, em diferentes fases, formas e conteúdos bastante diversos. O que importa é tão somente que a antítese de fundo entre desenvolvimento das capacidades e desenvolvimento da personalidade esteja na base de seus vários modos de se apresentar. E isto é o que ocorre de fato em todos os fenômenos da alienação, em especial quando a produção é mais desenvolvida. (p.7)

Ainda na intenção de demonstrar o caráter histórico-social das alienações é de extrema importância assinalar que tal fenômeno não pode ser compreendido independente das outras dimensões sociais. Como fenômeno único e singular a alienação é apenas uma abstração que não encontra respaldo na realidade concreta. Lukács diz:

(...) não existe uma alienação como categoria geral ou, tanto menos, supra-histórica, antropológica. A alienação tem sempre caráter histórico-social, em cada formação e em cada período vem ex novo colocada em movimento pelas forças sociais realmente operantes. (p. 34)

Assim, a alienação se manifesta de formas variadas e com novas substâncias em cada situação específica, ou seja, em cada formação social ou modo de produção concreta. Além de gerar em cada nova situação possibilidades de serem superadas tanto no plano objetivo quanto subjetivo. Nas palavras de Lukács:

Se quisermos penetrar com o nosso pensamento até o seu verdadeiro ser, devemos ver que a alienação como fenômeno real do ser social pode apresentar-se na realidade somente de forma plural. Com isto não estamos nos referindo simplesmente às diferenças individuais no interior desse fenômeno existente. (...) Que as alienações têm um modo de ser plural, significa, ao invés, muito mais, isto é, que se dão complexos dinâmicos de alienação e de tentativas subjetivas, conscientes, de superá-la e que tais complexos são qualitativamente diferentes entre si. (p.37)

Isso ainda acarreta mais uma consequência importante: a alienação se apresenta enquanto processo, desenvolve-se ou se retrai na medida em que os homens vão se auto desenvolvendo enquanto verdadeiras personalidades. Como afirma Lukács:

Dissemos que no plano do ser se encontram só alienações (e que a alienação no singular como conceito geral, é uma abstração que seria difícil prescindir no plano científico), à mesma medida devemos agora ressaltar que os homens na realidade alienam a si mesmos e ao seu próximo, lutam contra a alienação de si mesmos ou dos outros, etc., e que destes atos da vida social [surge] um processo, sobre o qual [se apóia] seja a totalidade objetiva da sociedade seja a personalidade singular, e ele é a única forma de ser que nós, no plano teórico, chamamos alienação. (p.69)

Pudemos perceber que a alienação possui seu lugar ontológico como um fenômeno histórico-concreto que surge em um determinado momento do desenvolvimento social na contradição fundamental entre desenvolvimento das forças produtivas e aviltamento da personalidade humana. Ao se constituir diversamente em cada situação específica da humanidade a sua própria manifestação é plural. Desta maneira, como não se trata de um fenômeno unitário, se concretiza de forma sempre variada seja na totalidade objetiva da sociedade, seja na vida dos indivíduos que constroem a própria realidade em que vivem.

3.2. A dialética entre objetivação e exteriorização: o fundamento das alienações

Como vimos no item anterior, a alienação surge da contradição entre desenvolvimento das capacidades e desenvolvimento da personalidade humana, como já havia acentuado Marx. Lukács compreende, então, que o desenvolvimento das capacidades humanas está muito mais

ligado ao processo de objetivação, assim como, a formação da personalidade é muito mais determinada pelo processo de exteriorização por depender do retroagir das exteriorizações nos indivíduos. Porém, é preciso dizer que esta é apenas uma abstração para tentar elucidar o verdadeiro lugar ontológico da alienação. Abstração necessária para conferir a esse posicionamento uma análise mais íntima. De acordo com nosso autor,

Para tornar ontologicamente mais claro esse estágio de coisas descrito por Marx, com precisão, me permiti, (...) diferenciar um pouco no plano terminológico o ato de trabalho. O leitor certamente recordará que, enquanto Marx o tinha descrito com uma terminologia unitária, ainda que variada, eu analiticamente o separei em objetivação e exteriorização (Entäusserung). No ato real, em verdade, os dois momentos são inseparáveis: cada movimento e cada reflexão do trabalho em curso (ou antes) são dirigidos, em primeiro lugar, a uma objetivação, ou seja, a uma transformação teleologicamente adequada do objeto do trabalho. (p.7)

Em se tratando do trabalho a objetivação é posta pela alteração do elemento natural que foi previamente projetado na idéia do indivíduo. Tal alteração confere a esse elemento uma utilidade social apenas possível mediante o trabalho. O ato de trabalho realiza por meio de um processo unitário dois momentos fundamentais na constituição do ser social: a objetivação do objeto e a exteriorização do sujeito. E isso se demonstra na medida em que “a objetivação imprime de modo direto e material o ser para-si na existência material das objetivações”, enquanto na exteriorização o “tornar-se para-nós deve ser adquirido por meio do trabalho cognoscivo¹⁷”. (p.7) Aqui se põe claramente, em Lukács, a não identidade sujeito/objeto.

Assim, segundo Lukács, todo ato de objetivação é também de exteriorização do homem. O que nos permite afirmar que ao objetivar transformamos uma realidade por meio de atos teleológicos. No entanto é importante atentarmos que as diferenças que aí surgem são

¹⁷ Aí está a base da teoria — do conhecimento — humano. Nas palavras do Lukács: “É sem dúvida possível deduzir geneticamente o pensamento conceitual a partir do trabalho, uma vez que a execução do processo de trabalho, põe ao sujeito que trabalha exigências que só podem ser satisfeitas reestruturando ao mesmo tempo quanto à linguagem e o pensamento conceitual as possibilidades psicofísicas presentes até aquele momento, ao passo que a linguagem e o pensamento conceitual não podem ser entendidos nem em nível ontológico nem em si mesmos se não se pressupõe a existência de exigências nascidas do trabalho e nem muito menos condições que fazem surgir o processo de trabalho. É obviamente indiscutível que, tendo a linguagem e o pensamento conceitual surgidos para as necessidades do trabalho, seu desenvolvimento apresenta como uma ininterrupta e ineliminável ação recíproca e o fato de que o trabalho continue a ser o momento predominante não só não suprime estas interações, mas, ao contrário, as reforça e as intensifica. Disto se segue necessariamente que no interior desse complexo o trabalho influi continuamente sobre a linguagem e o pensamento conceitual e vice-versa. (...) E no entanto a ciência, a teoria como processo auto-operante e independente das posições teleológico-causais originadas no trabalho, mesmo quando chegou ao grau máximo de desenvolvimento, não pode nunca romper inteiramente esta relação de última instância com sua própria origem”. Capítulo do trabalho. Trad. Ivo Tonet. (p.29)

bastante importantes. Os atos teleológicos ligados à transformação da natureza são qualitativamente diferentes daqueles ligados à transformação da vida social. No primeiro caso, as posições teleológicas visam a efetivação do ato de trabalho, portanto, se dirigem à objetividade natural; no segundo caso, o objeto sobre o qual os atos teleológicos se dirigem é puramente social. Ao falar desta última forma de teleologia Lukács diz “O objeto desta finalidade secundária já não é o elemento da natureza, mas a consciência de um grupo humano; a posição do fim não visa transformar diretamente um objeto natural”¹⁸. (p.4)

Das afirmações acima podemos tirar uma consequência importante: O ato de trabalho tem a capacidade de ir sempre para além de si mesmo, o que demonstra o seu caráter generalizante. Como o trabalho funda o homem, este emerge sempre como um ser genérico. O manifestar-se das exteriorizações relaciona-se necessariamente com as objetivações, no entanto, as diferenças desses dois momentos são reais, o que não compromete em nada o caráter de unitariedade do processo de trabalho. Marx, segundo Lukács, já tinha demonstrado essa diferenciação da seguinte forma:

Ao final do processo de trabalho emerge um resultado que já se fazia presente desde o seu início na idéia do trabalhador, que, portanto, já era presente idealmente. Não que ele efetue apenas uma transformação de forma do elemento natural; ele realiza no elemento natural, ao mesmo tempo, o próprio fim por ele conhecido, que determina como lei o seu modo de operar, e ao qual deve subordinar a sua vontade. (p.8)

O que Marx descreve acima vai mais além de dois aspectos de um mesmo processo, pois, os mesmos atos de trabalho, determinados por certo modo de trabalhar, devem provocar no sujeito diferenças relevantes. Por isso, segundo Lukács, é necessário distinguir os dois momentos deste processo: a objetivação e a exteriorização.

Enquanto a objetivação é imperativa e claramente prescrita pela respectiva divisão do trabalho e, por conseguinte, desenvolve nos homens, por força das coisas, as capacidades a ela necessárias (naturalmente que nos referimos apenas a uma média exigida pela economia, na qual as diferenças individuais, também sob esse aspecto, jamais são canceladas completamente; contudo, isso não muda a substância da coisa), o efeito de retorno da exteriorização sobre os sujeitos do trabalho é por princípio diversificado. (p.8)

¹⁸ Para deixarmos claro a diferenciação entre as devidas posições teleológicas recorreremos ao capítulo do trabalho no qual Lukács discorre longamente sobre esta temática. No capítulo da alienação, Lukács cita a questão da teleologia como algo previamente entendido. Capítulo do trabalho, trad. Ivo Tonet. (p.25)

Com isso podemos dizer que o desenvolvimento das capacidades dos homens ao incidir favorável ou desfavoravelmente sobre a personalidade dos indivíduos, se põe como “um fato objetivo e uma tendência social que age objetivamente” (p.9). Embora essa tendência produza uma média social, esta é substancialmente diferente daquelas produzidas pelas objetivações. Pois,

Esta última é uma média real que – em relação ao trabalho concreto – prevê apenas um mais ou um menos no cumprimento das tarefas concretas, enquanto do ponto de vista da exteriorização, pode haver modos de comportamentos completamente contrapostos. (p.9)

Ou seja, o retorno das exteriorizações sobre os indivíduos pode gerar atitudes e posições completamente distintas. Isto não nos permite tirar uma média real de como tais efeitos venham a se caracterizar. Nas palavras de Lukács:

Certamente, a ação favorável ou desfavorável do desenvolvimento das capacidades humanas sobre as personalidades dos homens é um fato objetivo e uma tendência social geral que age objetivamente. E é verdade, parece ela também produzir uma média social, mas esta é qualitativamente diferente daquela que vem a ser por causa das objetivações. (p.9)

Ao utilizar o exemplo de Marx, Lukács demonstra como na prática isto vem a acontecer.

Recorde-se qual foi o ordenamento do trabalho no tempo do jovem Marx. Poucos anos depois dos manuscritos econômico-filosóficos ele, na Miséria da filosofia, já fala da constituição do proletariado em uma “classe-para-si-mesma”. Obviamente ele se refere aqui à resistência contra o capital que o proletariado já está exercendo na prática. Todavia, tal resistência nunca envolveu toda a classe. A gama que vai desde os heróis totalmente dedicados a luta de classe, até aqueles que surdamente se submetem e talvez até os fura-greves, pode naturalmente ser apresentada em termos técnico-estatísticos, mas nunca se poderá tirar uma média real. Com efeito, teríamos uma soma e um reagrupamento sociais de pessoas que por este modo de exteriorizar-se individualmente no trabalho reagem no plano individual de maneira muito diversa e frequentemente oposta. (p.9)

Tal efeito de retroação das exteriorizações sobre os indivíduos possui uma importância fundamental no que diz respeito às alienações, pois, estas incidem diretamente sobre a subjetividade do indivíduo, reconhecendo-se, entretanto, que esta é portadora de uma base social formada de acordo com as possibilidades de determinado momento histórico. Porém,

O fato que cada reação pessoal tenha a sua própria base social, pela qual é largamente determinada, não impede que existam essas diferenças individuais e as suas conseqüências sociais, ao contrário,

dá-lhes um acentuado perfil individual (e, inclusive, histórico, nacional, social, etc.). Quando Marx diz que é sempre casual que em um dado momento se encontre à direção do movimento operário isso, de um lado, não se refere apenas à direção no sentido literal, mas também àquela de cada grupo ou grupelho e, de outro lado, exprime o fato que cada operário reage individualmente de acordo com a maneira como as suas exteriorizações retroagem sobre a personalidade. (p.9-10)

Assim, as exteriorizações possuem papel determinante sobre a personalidade na medida em que os efeitos recaem sobre os próprios indivíduos. Isto também nos permite afirmar que por mais que as alienações tenham como fundamento as relações de produção material, há alienações que se expressam prioritariamente no campo da reprodução da sociabilidade e outras que incidem mais no campo da individuação.

Nesse sentido, a discussão acerca das alternativas é fundamental para demonstrar exatamente como ao fazerem suas escolhas os indivíduos possuem papel fundamental na determinação da alienação.

3.3. Alternativa e alienação

A gênese ontológica da alternativa está no trabalho. Quanto mais desenvolvida for a realização do trabalho, mais o caráter alternativo das relações se demonstra. É, pois, no trabalho que as intenções do sujeito se colocam objetivamente na medida em que põe uma nova realidade. Assim, as alternativas são absolutamente necessárias nas transformações operadas pelo homem na matéria seja natural seja social.

É nas escolhas entre alternativas que os homens podem garantir uma verdadeira transformação motivada por suas necessidades. Ou seja, a “necessidade pode apenas provocar decisões alternativas, isto é, segundo a repetida formulação de Marx, ela se apresenta como motivo de decisões “sob pena de ruína”” (p.16). Nessas circunstâncias a escolha tem que ser adequada, caso contrário o contínuo processo de transformação em direção a uma permanente socialização se torna impossível.

Todavia, é absolutamente importante lembrar que as decisões alternativas são decisões individuais. No entanto, não podemos nos perder em posições subjetivistas que põem as alternativas como decisão meramente pessoal. Pelo contrário, por ser cada indivíduo pertencente à dinâmica social, cada decisão individual só pode ser realizada mediante alternativas postas por aquele momento específico e cada resposta só pode ser dada, ao menos

se se espera a devida eficácia, dentro das possibilidades daquele mesmo momento. Nas palavras de Lukács:

As decisões alternativas (...) são, no imediato, e antes de tudo, decisões individuais. E, como tínhamos explicado antes, nós enxergamos no homem singular um pólo real, ontológico, de cada processo social, (...) é importante recordar novamente que também neste caso não se trata de uma “liberdade” individual abstrata que, no outro pólo, aquele da totalidade social, se contraponha uma “necessidade” igualmente abstrata, desta vez social, mas que, ao invés, a alternativa é uma categoria ineliminável dos processos sociais. (p.10)

Como já afirmamos, as alternativas ao se tornarem cada vez mais sociais e, portanto, mais variadas, adquirem maior importância no desenvolvimento da sociedade e especificamente a tomada de posição em relação à alienação. Em carta à Vera Zasulich, Marx demonstra que geralmente a comuna agrícola se apresenta como “período de transição da propriedade comum à propriedade agrícola”. Assim, cada período histórico comporta um caminho que pode, de acordo com seus próprios nexos sociais, ser seguido.

Mas isso significa que em todas as circunstâncias o desenvolvimento da “comuna agrícola” deve tomar esse caminho? Não, absolutamente. A sua forma fundamental admite esta alternativa: ou o elemento da propriedade privada nela contido triunfa sobre o elemento coletivo ou é este segundo que triunfa sobre o primeiro. Tudo depende do momento histórico em que ela se encontra... ambas as soluções são, á priori, possíveis, mas para cada uma delas manifestamente, o pressuposto é um momento histórico totalmente diverso. (Apud LUKÁCS, p.10)

Como já tínhamos mencionado, é apenas o movimento social real que permite a transformação do ente em ser objetivo independente de que essa transformação tenha sido posta em prática pelas decisões de apenas um indivíduo ou de um coletivo. As alternativas das quais Marx fala são aquelas necessárias e decorrentes do desenvolvimento das capacidades humanas e por isso estão diretamente ligadas às forças produtivas e a divisão social do trabalho.

Porém, tais alternativas possuem uma estrutura diferenciada “daquelas que para o indivíduo concernem à alienação e a sua libertação” (p.10). Lukács aponta para esta diferenciação porque considera que “a alienação é um dos fenômenos sociais mais nitidamente centrados nos indivíduos” (p.10). Sendo assim, seu inteiro manifestar-se ou a luta contra ela só pode ser realizada por decisões singulares de acordo com a forma com que as exteriorizações retroagem sobre esses mesmos indivíduos. Porém, Lukács alerta:

Para melhor compreender fenômenos como a alienação, é absolutamente necessário ter sempre presente que, ainda que eles no imediato se manifestem em termos individuais, ainda que a decisão alternativa individual faça parte da sua essência, da sua dinâmica interna, o ser precisamente assim dessa dinâmica é um fato social, se bem que muito fortemente mediado por múltiplas interrelações. (p.10-11)

Ou seja, a concretude das relações em que a alienação é posta permanece sempre um fato social, mesmo que a resposta a cada alternativa posta seja dada individualmente, de acordo com as considerações pessoais de cada um. Estes são aspectos decisivos de apreensão da alienação em Lukács, pois

Se não levarmos em conta estas características, tem-se uma falsa visão de tal ser-precisamente-assim das estruturas e transformações estruturais sócio-econômicas, objetivamente necessárias, em aparências puramente sociais, quando não se considera que existem ontologicamente em sua base – em última instância, ainda que só em última instância, as decisões alternativas individuais. (p.11)

O pólo de decisão está sempre ligado a consideração pessoal de cada indivíduo envolvido em determinado processo, se prescindirmos desse fato não compreenderemos o movimento próprio das estruturas sociais. Pois, a base social que determina cada ação pessoal não coloca em nível de menor importância as diferenças pessoais e seus possíveis desdobramentos. Já que segundo Lukács, “o homem fora da sociedade e a sociedade a prescindir do homem são abstrações vazias, com as quais se podem fazer joguetes lógicos, semânticos, etc., que em nada corresponde ao plano ontológico” (p.11-12).

Na verdadeira união entre indivíduo e sociedade, ou seja, entre decisões singulares e base social real, as alternativas se revelam enquanto meio pelo qual se efetivam as relações humanas. Nas palavras de Lukács:

as posições teleológicas dos homens singulares (Einzelmenschen), por mais forte que seja a determinação econômico-social de suas bases, no seu ser imediato começam sempre, por assim dizer, pelo início, e se reenlaçam na continuidade objetiva somente nas suas, também decisivas, bases objetivas. Tais posições se relacionam a estes momentos somente no sentido mais objetivo, ao passo que no plano subjetivo e direto se relacionam à vida pessoal, ao imediato vivido dos homens singulares (Einzelmenschen) a cada vez em questão. Elas compartilham tal característica com algumas outras decisões alternativas que influenciam imediatamente sobre estas formas de ser; por exemplo, com aquelas da ética, ao contrário de outras posições, por exemplo, aquelas políticas, nas quais a sociabilidade objetiva e a sua continuidade determinam muito mais decisivamente, no imediato, as posições. (p.11 – 12)

Ou seja, de um lado há posições teleológicas que determinam muito mais as alternativas que visam a transformação objetiva, — e que portanto, como já dissemos antes, está mais ligada à sociedade em questão — como na política, por exemplo. De outro lado, há posições teleológicas que se dirigem muito mais a modificação subjetiva — a forma como as objetivações retroagem sobre os indivíduos — com base em alternativas diretamente ligadas às considerações pessoais de cada indivíduo. O manifestar-se ético está muito mais ligado a essa segunda posição.

Como as considerações singulares determinam em última instância o manifestar-se da alienação, podemos dizer, sempre segundo Lukács, que o posicionar-se dos indivíduos tem uma verdadeira ligação com sua perenidade. Em todas as formas de alienação os interesses pessoais na tomada de posição possuem validade, seja naquelas mais ligadas aos processos econômicos-sociais, seja naquelas que se põem mais no plano ideológico. Nessas últimas o posicionamento tem uma importância mais relevante. Nas palavras de Lukács:

Não nos esqueçamos que até as decisões que no imediato são puramente sociais se desenvolvem nas relações sociais concretas, são respostas a perguntas que delas emergem. Todavia, não obstante este indissolúvel entrelaçamento do ser social com o pessoal, o fato que uma decisão alternativa seja diretamente originada por motivações pessoais, ou mesmo determinada, determinativamente intencionada pela sociedade já no imediato, tem importância objetiva também pela sua valoração social. (p. 13)

Aqui se põe novamente a idéia de Lukács de que as escolhas são socialmente determinadas de acordo com o valor social de cada alternativa que é posta em ação. Desta forma, quando um indivíduo opta por uma decisão e não por outra, essa decisão se dá pelo valor social que tal escolha possui naquele dado momento, já que o indivíduo sintetiza em si os traços mais fundamentais do período histórico em que se encontra.

Para melhor esclarecer esse complexo é necessário compreender que a contradição dialética entre desenvolvimento das capacidades humanas e desenvolvimento da personalidade, que funda a alienação, embora seja um fato de alta importância não se insere na “inteira totalidade do ser social do homem”; e ao mesmo tempo tal contradição “não se reduz (salvo em deformações subjetivistas) a uma antítese abstrata entre subjetividade e objetividade, entre homem singular e sociedade, entre individualidade e sociabilidade” (p.14).

Assim, podemos compreender como a categoria da alternativa se torna ineliminável no processo de produção e reprodução humana e como as escolhas são feitas individualmente por cada homem singular, mas dentro de um campo posto socialmente. Por meio da categoria da alternativa os indivíduos vão se tornando cada vez mais sociais e, portanto, vão se afastando

progressivamente das barreiras naturais. O homem progressivamente social vai emergindo e efetuando uma diferenciação sempre mais qualitativa em relação à natureza.

O processo de tornar-se ser social é aquele em que se produz uma esfera de ser, um campo real, em que os indivíduos vão se tornando entes cada vez mais peculiares. O tornar-se humano eleva os homens sempre para além da mera constituição primária natural e os transforma em seres que são sempre e continuamente capazes de auto constituir-se. Assim, a natureza vai se distanciando dessa nova esfera que se edifica socialmente ao mesmo tempo em que esta esfera vai imprimindo na própria natureza traços específicos de sua própria estruturação. Nas palavras de Lukács

O tornar-se humano do homem é, como processo global (gesamtprozess) a mesma coisa do constituir-se do ser social enquanto espécie peculiar (besonderer) de ser. No inicial estado gregário, o homem singular (einzelmensch) quase não se distingue da mera singularidade (Einzelheit) que está presente e operante em cada ponto da natureza inorgânica e orgânica. Mas, o salto que o transforma – embora em um longo período de tempo – de ente natural em ente social, desde o início se impõe com intensidade e extensão sempre maiores, na relação do homem singular com os fatos gerais (com a totalidade dos complexos existentes e com as leis que caracterizam estes processos), obviamente em paralelo com o desenvolvimento. (p.15)

Assim, o próprio recuo das barreiras naturais, o constante processo de socialização da essência natural forma a base da existência humana enquanto tal, daí nasce um ente capaz de se generalizar, de engendrar seu próprio processo de individuação. Desta forma, podemos afirmar que o afastamento contínuo das barreiras naturais significa um constante produzir-se de categorias cada vez mais sociais com suas próprias leis. De acordo com Lukács “quanto mais a barreira natural se afasta na troca orgânica da sociedade com a natureza, isto é, quanto mais sociais se tornam as próprias categorias econômicas, tanto mais assume o caráter de um sistema de leis, de um “reino das necessidades”” (p.17.). Lukács observa que

o homem no imediato é ineliminavelmente um ser vivente, na mesma medida de cada produto da natureza orgânica. Nascimento, crescimento e morte são e permanecem momentos insuprimíveis de cada processo vital biológico. Todavia, o afastamento – o inevitável afastamento, mas não o desaparecimento – da barreira natural é um produto não apenas do complexo processo de reprodução da sociedade, mas também e sempre da vida individual. (p.18)

Não é apenas no campo das objetivações que se dá esse constante socializar-se dos homens e a constituição de suas próprias legalidades, pois, no campo das exteriorizações,

aquele em que se põem as decisões humanas, a individuação dos homens, também se configuram em um contínuo processo de socialização. Nas palavras de Lukács,

No outro pólo do ser social, onde as decisões alternativas singulares agem essencialmente sobre a vida dos indivíduos, intervém também outras complexas conexões e determinações da práxis. Estas, mesmo não agindo de maneira diretamente determinante sobre os momentos necessários no plano econômico-social, — os atos dos indivíduos inseridos em tais contextos se apresentam apenas como momentos da singularidade (Einzelheit) no quadro das leis gerais — não são, contudo indiferentes do ponto de vista histórico-social. (p.17)

A alienação, portanto, está articulada aos dois campos de desenvolvimento social, tanto ao que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades humanas quanto àquela da formação da personalidade humana, como já havíamos afirmado anteriormente. Assim, segundo Lukács, “para entender realmente o fenômeno da alienação, sem acréscimos e mascaramentos mitológicos, não se deve jamais perder de vista que a personalidade, com toda a sua problemática é uma categoria social” (p.17) e por isso possui um estatuto diferente da natureza.

Ao investigarmos a constituição específica da personalidade e a relação com as alienações não podemos deixar de fora a análise sobre a formação dos sentidos, visto que esta última está estreitamente articulada com aquela primeira.

3.4. Sensibilidade e Alienação

O processo de formar-se humano, que possui como fundamento o trabalho, é um sempre e ineliminável processo de socialização do homem. Isso quer dizer que quanto mais os homens se afastam das barreiras naturais mais eles se erguem enquanto seres que se auto-constroem cada vez mais sociais. Este fato possui ligação imediata com a formação dos sentidos humanos. Segundo Lukács:

A posição teleológica do processo de trabalho, a necessidade de que os êxitos do trabalho sejam antecipados no pensamento antes que ocorram, comportam uma transformação de todo o ser humano, e, portanto, também da sua sensibilidade originária, surgida como fato biológico. (p.20)

O elevar-se do mero ser natural em direção a um patamar superior de realização, o social, permeia toda a vida dos indivíduos e, portanto, da sua sensibilidade. Ao citar Engels, Lukács demonstra exatamente como isto acontece.

A águia vê muito mais distante do que o homem, mas o olho humano avista muito mais nas coisas do que o da águia. O cão tem narinas muito mais penetrantes que o homem, mas não distingue entre elas a centésima parte dos odores que para o homem são indicadores bem determinados de coisas diferentes. E o tato, que existe no macaco apenas em seu mais bruto estado inicial, só se desenvolveu com a formação da mão humana, através do trabalho. (p.21)

Assim, a formação tipicamente social do homem é capaz de permitir que o mesmo alcance uma maior qualidade em extensão e intensidade com relação ao ser natural. Por isso mesmo, os conflitos que surgem da dinâmica própria da vida dos seres sociais permitem que os sentidos se desenvolvam duplamente. Por um lado “vale também para a vida dos sentidos humanos o fato de que não somente na origem o trabalho leva à formação das capacidades, mas conserva tal tendência, incluída a sua específica preponderância imediata, no curso do desenvolvimento global”; por outro lado “isto não quer dizer, absolutamente, que o paralelo desenvolvimento da personalidade não seja investido deste desenvolvimento dos sentidos”. (p.20-21)

Isto nos permite afirmar que na medida em que os indivíduos realizam o ato de trabalho o formar-se da sua sensibilidade — enquanto esfera genuinamente social — carrega em si uma tendência a uma contínua elevação que lhes imprime formas cada vez mais sofisticadas, refinadas.

Lukács ao discutir as questões relativas a esse terreno afirma que “Marx, analisando economicamente a vida dos operários do seu tempo mostrou a alienação nas expressões mais elementares da vida dos homens que com toda evidência são fundadas nos sentidos” (p.20-21). Deste modo,

O resultado é que o homem (o trabalhador) se sente livre, enfim, somente nas suas funções bestiais, no comer, no beber e no sexo, tudo o mais no ter uma casa, na sua saúde corpórea, etc., e que nas suas funções humanas se sente apenas mais um animal. O bestial torna-se o humano e o humano, bestial. O comer, o beber, o gerar, etc. são também, com efeito, simples funções humanas, mas são bestiais na abstração que as separa do restante âmbito da atividade humana e faz delas os fins últimos e únicos. (p.21)

O termo bestial refere-se aqui à alienação dos sentidos, ao estado em que os homens se sentem humanos nas atividades que mais os aproximam ao ente natural. Lukács ao utilizar o termo bestial como uma metáfora drástica delimita “com grande exatidão, o estado que provoca no homem determinadas alienações” (p.21). Assim, o termo bestial “nem é usado aqui em termos meramente teóricos, nem é tomado em sentido literal” (p.21). Pois, o tal estado de alienação em que o homem se encontra emerge exatamente pelo

(...) seu encontrar-se fora do complexo do ser-homem (do ser social, do ser personalidade) que se tornou possível no plano do gênero humano, que o estágio de incivilização daquele momento – incluindo-se, naturalmente, o desenvolvimento das capacidades, enquanto sua base – torna-se possível em linha de princípio. (p.21)

De acordo com Lukács, o intenso desenvolvimento das forças produtivas do trabalho leva a uma redução significativa do tempo necessário à reprodução da vida física do homem “uma vez que surgem necessidades e possibilidades de satisfazê-las que assumem uma colocação sempre mais distante da reprodução direta da mera vida” (p.22).

Assim, segundo Lukács, podemos observar dois desdobramentos importantes desse processo.

Por um lado, surgem necessidades satisfeitas que de modo nenhum existem nos estádios iniciais; por outro lado, as necessidades indispensáveis à reprodução da vida buscam satisfação nos modos que as elevem a um nível mais alto, mais social, mais afastado desta reprodução direta da vida. O que é visível especialmente na nutrição. Naturalmente, entre as classes dominantes pode haver uma grande elevação nesse campo que tenha escassos vínculos com o modo geral de satisfazer aquela necessidade na sociedade em questão, mas também na linha histórica do desenvolvimento se verifica antes um movimento que, por exemplo, eleva a fome apenas fisiológica ao apetite, enfim social. (p.22)

Um retrocesso desse desenvolvimento pode causar uma aproximação com aquele tipo de sensibilidade mais próxima da natureza, ou seja, a alienação passa a se encontrar como mediadora do manifestar-se da sensibilidade. Nosso autor ainda afirma que “em termos mais profundos esse desenvolvimento se apresenta em outro grande campo da reprodução imediata do gênero humano: o da sexualidade”. Sobre essa temática da sexualidade, sua relação com o gênero humano e com as alienações trataremos no próximo capítulo, pois, é na sexualidade que Lukács compreende a relação mais genuína do homem em relação ao próprio homem, além de uma das possibilidades de se alcançar a genericidade para si.

4. GENERIDADE E ALIENAÇÃO

Conforme anunciamos, neste capítulo discutiremos os influxos da alienação na relação do gênero humano com a sexualidade e a personalidade dos homens. Com relação à sexualidade demonstraremos como o problema de fundo da alienação na relação entre homem e mulher vem sendo construída pelo patriarcado impedindo a mulher de se realizar livremente enquanto pessoa humana. Porém, como a alienação de um indivíduo implica necessariamente na alienação do outro, até os homens sofrem os efeitos dessa desumanização no campo da sexualidade que, por sua vez, se espalham para outros segmentos sociais. Com relação à personalidade humana demonstraremos que a alienação impede o elevar-se da mera particularidade à personalidade humana autêntica, limitando a conexão dos indivíduos a generidade para-si dos homens.

Tanto em relação à sexualidade quanto em relação à personalidade — dois campos constantemente articulados — a generidade humana se desenvolve em-si e para-si a depender do período histórico e das alternativas escolhidas pelos homens com vistas a favorecerem ou não a libertação das alienações.

4.1. Generidade, Sexualidade e Alienação

O elevar-se humano para além de sua mera existência particular em direção a generidade para-si comporta uma série de transformações sem as quais é impossível tal realização. A alienação, que como já vimos, é um fenômeno plural que se revela contínuo no desenvolvimento histórico-social de uma dada sociedade e se ergue como um entrave ao livre desenvolvimento da personalidade humana.

As relações humanas são cada vez mais mediada pela alienação e, nesse sentido, seu desenvolvimento se apresenta justamente no campo das relações mais imediatas entre os homens, ou seja, no campo da sexualidade. Discutir as questões próprias da sexualidade, segundo nosso autor, é relevantíssimo, pois define o grau de socialização no qual os homens se encontram.

Lukács inicia essa discussão afirmando que Fourier “tem completa razão ao considerar o desenvolvimento sócio-humano nesta esfera como medida do plano da civilização”. E

completa sua afirmação recuperando uma longa, porém, esclarecedora, citação do Marx, que diz:

A relação imediata, natural, necessária, do homem com o homem é a relação do homem com a mulher. Nesta relação genérico-natural a relação do homem com a natureza é imediatamente a sua relação com o outro homem, como a relação do homem com o homem é imediatamente a sua relação com a natureza, a sua própria determinação natural. Nesta relação aparece, pois, sensivelmente e reduzido a um fato intuitivo, até que ponto, no homem, a essência humana tornou-se natureza ou a natureza tornou-se essência humana do homem. Desta relação se pode, portanto, avaliar todo o grau de civilidade do homem. Do caráter desta relação resulta o quanto o homem tornou-se e foi capturado como ente genérico, como homem. A relação do homem com a mulher é a mais natural relação do homem com o homem. Nela se mostra, pois, até que ponto o comportamento natural do homem tornou-se humano, ou seja, até que ponto a sua essência humana tornou-se essência natural, até que ponto a sua natureza humana tornou-se natural. Nesta relação se mostra também até que ponto a necessidade do homem tornou-se necessidade humana; até que ponto, pois, o outro homem como homem tornou-se uma necessidade para o homem, e até que ponto o homem, na sua existência a mais individual, é por um tempo ente de comunidade. (MARX apud LUKÁCS, p.23)

Nesta citação Lukács demonstra, através do Marx, que o campo da sexualidade é um dos fatores mais importantes para se medir até onde os homens conseguiram se fazer social. É justamente neste terreno que as relações entre os homens, que primeiramente aparecem nas relações entre homem e mulher, definem o grau de afastamento das barreiras naturais em que eles se encontram (a natureza tornou-se essência humana do homem) e mais que isso, definem até mesmo a situação em que os homens se encontram no estágio mais avançado do processo de socialização, principalmente se este se realizar numa sociedade de classes (a sua natureza humana tornou-se natural) como é o caso.

Desta citação ainda é possível dizer que as necessidades humanas, que são forjadas historicamente, também revelam seu grau de socialização na relação com o indivíduo e com a comunidade na qual se inserem. Neste sentido, podemos medir o campo de possibilidades de se alcançar a genericidade para-si também por meio de como a sexualidade aparece em determinados momentos históricos.

Encontramos aqui os momentos essenciais da transformação da relação natural – insuprimível – entre os sexos na relação entre personalidade humana e, por conseguinte, simultaneamente, em uma conduta de vida humano-genérica, no realizar-se do gênero não mais “mudo” mediante o real tornar-se-homem do homem. (p.23)

Assim, é justamente na relação entre os sexos que o processo de humanização se realiza e que ao mover o indivíduo para a generidade afirma a relação íntima entre tornar-se homem e tornar-se ser social. O matriarcado¹⁹ e o seu desaparecimento se apresentam como momentos desse processo, pois, estão sempre ligados à relação entre sexos. Segundo Lukács, “nenhuma formação surgiu ou declinou sem a presença dessa dinâmica evolutiva” (p.24), pois,

Com ela mudam socialmente as funções na relação entre homem e mulher, as quais como momento da divisão social do trabalho causam – independentemente das intenções e propósitos das pessoas – novas relações de grande peso, mas sem por isso produzir obrigatoriamente no imediato, mudanças profundas na relação humana entre homem e mulher, mesmo tendo sido criados continuamente novos campos de possibilidade para tais mudanças (p.24).

No entanto, é nessa relação que a alienação encontra um campo vasto de manifestações, pois, “o declínio das formas de vida matriarcais, o domínio do homem e a opressão da mulher foram o durável fundamento da convivência entre os seres humanos” (p.24). Lukács reproduz uma citação de Engels que define bem tal estado de coisas.

A reviravolta do matriarcado significou a derrota no plano universal do sexo feminino. O homem toma nas mãos até a direção da casa, a mulher foi aviltada, dominada, tornada escrava de seus desejos e simples instrumento de produzir filhos. Este estado de degradação da mulher manifesta abertamente e em especial entre os gregos da idade heróica e, ainda mais, da idade clássica, foi paulatinamente por vezes embelezado e dissimulado e, em alguns lugares, revestidos de formas atenuadas, mas em nenhum caso eliminado. (ENGELS apud LUKÁCS, p.24-25)

Está posta uma situação na qual a relação entre os sexos é mediada por alienações que apesar de se revelarem ora mais claramente, ora mais suavemente, nunca são de fato superadas. Esta se revela tanto no homem que oprime quanto na mulher que é oprimida, pois, a postura alienada de um indivíduo em relação ao outro implica a sua própria alienação. Apesar disso, alerta Lukács:

Esta consideração, todavia, deve vir imediatamente integrada porque seria anti-histórico e, portanto, deformaria o objeto, não examinar também o momento subjetivo, a consciência do alienante e do alienado. Isso não põe em dúvida a verdade do que afirmamos no plano geral, isto é, que todo desenvolvimento da civilização e nele da relação entre homem e mulher normalmente se realizam de forma

¹⁹ Algumas pesquisas antropológicas do século XX afirmam que nunca houve matriarcado. Porém, não problematizaremos essa questão. Aqui acompanharemos a discussão feita por Lukács sobre a opressão da mulher.

alienada e, portanto, que uma série de formas de alienação são componentes necessários do desenvolvimento ocorrido até hoje e poderão ser superadas apenas no comunismo. (p.25)

No entanto, é importante compreender que as alienações e os esforços realizados para superá-las se alteram consideravelmente a “depende do se, do quando, do modo, de quão estritamente etc., o ser alienado esteja conectado à consciência do seu não-ser-digno do homem” (p.25).

Lukács afirma que a história da alienação sexual da mulher possui relevância considerável. Ao analisar a dramaturgia grega, e demonstrar a situação da mulher enquanto escrava, ele deixa claro que a única forma de superação das alienações sexuais nos marcos daquela sociedade, a única possibilidade de elevação da mulher a um mínimo de humanidade é a superação interior, apenas espiritual-psicológica, sem nenhuma condição de libertação objetiva, por meio da luta real.

É claro que mesmo em um nível de desenvolvimento social pequeno, mesmo em uma situação em que homem-homem e homem-mulher se comportem um com o outro alienadamente no sentido dos antigos, há aí um “fato social não cancelável: o homem alienado em que conservar, também na alienação, a sua generidade-em-si”, pois, mesmo numa relação perpassada pela alienação tais indivíduos estão “muito acima do mero ser- natural da humanização inicial” (p.26-27).

Nos tempos modernos, o desenvolvimento social conduziu a um enorme avanço da generidade em-si e até para as mulheres é perceptível uma situação em que elas vão conquistando um maior espaço e uma maior autonomia seja financeira seja intelectual. Lukács cita o exemplo de madame Curie, que em suas palavras é uma “figura feminina de primeiro plano” e que demonstra a falsa idéia da inferioridade da mulher em relação ao homem²⁰.

No entanto, à questão posta sobre a possibilidade de superação da dinâmica gerada historicamente acerca do “problema de fundo da alienação levantado a partir de Fourier até Marx, na relação entre homem e mulher, do auto-alienar-se de ambos, do recíproco alienar e ser alienado” (p.41), Lukács só pode responder negativamente, já que “a situação de crise

²⁰ Quando olhamos para a história e observamos que as artes, as filosofias, etc. são dominadas pelos homens podemos constatar como a subjetividade da mulher em sua plenitude omnilateral como gênero humano foi podada, senão quase que completamente aniquilada. O patriarcalismo impediu objetivamente e subjetivamente por muitos séculos o desenvolvimento da personalidade da mulher no sentido da omnilateralidade, e, desta forma, dificultou seu processo de individuação. Apenas nas sociedades mais modernas — dado o desenvolvimento econômico — as mulheres conquistaram um espaço que permite tal desenvolvimento, mesmo com todas as dificuldades, visto que o patriarcalismo não foi eliminado, pelo contrário, junto ao sistema do capital do capital existe numa relação recíproca e necessária.

torna-se sempre mais manifesta e mais extensa” (p.41). Ou seja, mesmo com tais avanços a situação específica da mulher enquanto livre das alienações instauradas pelo patriarcalismo não se resolveram. Pelo contrário, assumiu formas mais suavizadas, mais dissimuladas, porém, nunca deixaram de se fazer presente e articuladas sempre presentes e articuladas com a própria manutenção do sistema do capital.

Nos tempos atuais, segundo nosso autor, alguns dos modernos movimentos sexuais ainda estão em um estágio muito primário da luta contra a verdadeira subalternidade da mulher. Ao comparar tais lutas com os movimentos sociais revolucionários, Lukács afirma que tal estágio é parecido com aquele do Ludismo. Isso indica que

Neles encontra-se a razão que o mero progresso material como base da autonomia econômica na conduta de vida da mulher, como desmantelamento econômico das velhas formas sociais de alienação, tem ainda contribuído muito pouco para resolver verdadeiramente os problemas, para impor a igualdade efetiva das mulheres no trabalho e na vida familiar. (p.41)

Ou seja, a verdadeira luta contra a subalternidade da mulher não pode ser realizada apenas no campo da autonomia econômica e intelectual imediata, mas deve ser “conquistada antes de tudo através da luta no terreno específico no qual tem ficado bloqueada, no plano da própria sexualidade” (p.41). Nosso autor afirma que a subalternidade da mulher é um dos “princípios basilares de sua subalternidade em geral”, ainda mais porque não é apenas da parte do homem que tal alienação é imposta, pois, segundo nosso autor, “no curso de milênios foram profundamente incisivos na própria psicologia feminina e formaram sólidas raízes” (p.41).

Desta forma, as próprias mulheres encarnam sua subalternidade como se estas fossem dadas naturalmente, como se estas fossem as relações mais genuínas entre homens e mulheres. Assim “a luta pela libertação da mulher contra essa sua alienação, porém, no plano ontológico não é só dirigida contra os impulsos alienantes que derivam do homem, mas deve também apontar em direção à própria (da mulher) auto-libertação interior.” (p.41-42, os grifos são nossos)

Ou seja, é necessário que a luta empreendida pela mulher introduza em sua psicologia, por meio de sua “auto-libertação interior” a possibilidade de se alcançar a uma existência não-mais-particular.

Sob tal óptica o moderno movimento sexual é uma semente nitidamente positiva, progressiva. Nele – conscientemente ou não – contém um desafio de guerra contra aquela ideologia do “Ter” que, como vimos em Marx, é uma das bases fundamentais de toda

alienação humana, e que nesse campo não poderá ser derrotada se não for extinta de modo radical a subalternidade sexual da mulher. (p.42)

Na modernidade, a luta das mulheres se dá — e, como afirma Lukács, o movimento feminista atual tem grande importância nesse sentido, mesmo que ainda esteja numa fase bastante primitiva — contra a ideologia do ter, que significa no campo das relações entre os sexos, a mulher como mera propriedade do homem. Engendrar uma luta nesses termos é lutar contra a base de toda alienação humana.

Apesar das opressões de sexo serem um obstáculo basilar no sentido de se alcançar a generidade para-si do homem, a luta contra as alienações não deve se esgotar apenas nesse terreno. Pois, “Não obstante a sua importância basilar, este é só um momento, embora relevantíssimo, da libertação global real” (p. 42). Como já havíamos afirmado no capítulo anterior, as alienações se manifestam de diversas formas e situações, por isso, a luta contra as alienações do homem não poderá ser eficaz se concentra apenas em uma de suas formas, no caso, aquela da opressão entre os sexos. Assim,

Não é possível então que a libertação sexual isolada leve à verdadeira solução o problema central, aquele de tornar humanas as relações entre os sexos. Sobretudo existe o perigo do quanto o desenvolvimento fez até hoje para tornar socialmente humana a pura sexualidade humana (erotismo) seja de novo perdido. Só quando os seres humanos tiverem encontrado relações recíprocas que os unifique como entes naturais (tornados sociais) e inseparavelmente como personalidades sociais, será possível superar verdadeiramente a alienação na vida sexual. (p.42)

Assim, a verdadeira libertação dos homens, seu verdadeiro tornar-se generidade para-si só será possibilitado se a luta engendrada pelos homens se dirige a todas as formas de alienações típicas da sociedade que tem como seus elementos essenciais o “Ter”. “Colocar o acento só sobre o momento sexual, nesta — justa e importante — luta pela libertação pode muito fácil demonstrar, ao menos por certo tempo, que as alienações antiquadas podem ser substituídas pelas da nova moda” (p.42). Pois,

De fato, a sexualidade se vista como um “copo d’água”, para usar a expressão da comunista Kollontai, tem dentro de si um amplo componente que corresponde em grande parte àquela sexualidade masculina com a qual os homens têm por milênio alienado as mulheres, porém alienado também a si mesmos. O frequente converter-se destes movimentos em coisas burguesas vulgarmente obsoletas, que sob o manto de uma excentricidade pornográfica, possam conduzir a uma apoteose do autêntico masoquismo, à subjugação absoluta da mulher por escolha dela mesma, é um exemplo que coloca as claras, com evidência este perigo, este limite no processo de libertação. (p.43)

Se não se elimina o estado de coisa que permita um transmutar-se de antigas alienações em novas alienações, estas voltam a emergir com uma nova aparência, muitas vezes travestidas de liberdade. Torna-se cada vez mais popular reações às alienações em que a pornografia ou a prostituição são colocadas como alternativas de liberdade à mulher²¹. A partir disso Lukács nos diz que,

(...) o fator subjetivo desta zona alienada ainda está muito distante do saber utilizar o campo de possibilidades que o desenvolvimento econômico já criou socialmente para a generidade em si. Tal zona é, porém, muito instrutiva – exatamente por causa da sua estrutura avançada – por compreender seja o nexo dialético entre generidade em-si e generidade para-si, seja a contraditória dinâmica do fator objetivo e daquele subjetivo no desenvolvimento social da humanidade. (p.43)

Ou seja, o desenvolvimento econômico já permite uma generidade em-si que comporte a capacidade de um elevar-se para além da mera particularidade, no entanto a subjetividade ainda não conseguiu se apropriar da dinâmica evolutiva inter-relacionada entre subjetividade e objetividade e das possibilidades que tal dinâmica permite.

No entanto, é importante afirmar que sendo o homem um pólo fundamental no processo de desenvolvimento que o eleva à generidade, a práxis individual assume uma importância fundamental na luta contra as alienações, “o que nos é apresentado com a máxima plasticidade na esfera das relações sexuais, onde a verdadeira realização, a atividade real do fator subjetivo, pode explicitar-se somente sob a forma de uma práxis inevitavelmente individual” (p.43). Segundo Lukács

A relação autêntica entre homem e mulher, o dar plena vida à unidade entre sexualidade e ser homem, ser personalidade pode concretizar-se (hervortreten) somente na relação individual de um homem concreto com uma mulher concreta. (p.44)

Nesse sentido as escolhas entre alternativas definem o retroceder ou avançar das alienações, visto que são os indivíduos que fazem suas escolhas, embora, estas escolhas como já vimos, sejam mediadas pelas possibilidades objetivas, formadas socialmente. Ao indivíduo, só é possível exteriorizar-se por meio das alternativas que escolhem.

Lukács demonstra então que a importância de um indivíduo singular pode ser decisiva em relação aos diversos complexos da vida social, quando afirma,

²¹ Recentemente foi publicado no Brasil um livro autobiográfico denominado “O doce veneno do escorpião” em que por meio da prostituição uma jovem diz levar a vida de uma “forma erótica”. Esse livro fez tanto sucesso – principalmente entre as jovens – que se tornou filme.

A conhecida observação engelsiana segundo a qual, mesmo na universalidade de cada práxis social, a função do homem singular (einzelmenschen) nunca é igual a zero, é aqui confirmada já que tal função torna-se qualitativamente ampliada, evidenciando que o pólo da totalidade social composto pelo homem singular (einzelmenschliche gegenpol) é um componente do processo social global não subestimável, freqüentemente é, ao invés, aquele que decide. (p.44)

Assim, no plano da luta contra as alienações, principalmente no plano da sexualidade, o elevar-se para além do mero ser-particular só é possível se levado em consideração que em última instância são os indivíduos singulares geralmente quem decidem o curso que toma a realidade posta socialmente. Assim, a genericidade para-si só pode ser alcançada enquanto possibilidade nas relações sociais entre indivíduos sociais concretos.

4.2. Genericidade, personalidade²² e alienação

A essência genérica dos homens se forma numa contínua processualidade histórica desde o momento mais primário da formação humana, mesmo que esse fato não esteja presente na consciência dos homens. A genericidade é sempre processual, ou seja, é um fato real constituinte da totalidade do movimento que integra a vida dos indivíduos. Assim, mesmo os indivíduos que possuem uma existência aparentemente muda diante da vida genérica participa de sua constituição.

O contínuo elevar-se para além da mera forma natural de ser, da mera mudez inicial é sempre um fato, como já foi dito, porém o alçar-se na concretização de uma personalidade não mais-particular, conectada a uma genericidade para-si, tem como componente essencial, embora não único, a consciência. Lukács nos diz que

Só quando o homem singular (Einzelmensch) entende a própria vida como um processo que é parte desse desenvolvimento do gênero humano, só quando ele por essa razão se esforça para sentir e realizar a própria conduta de vida e os deveres que dela derivam para ele como reentrante em tal contexto dinâmico, só então ele tem um vínculo real e não mais mudo com a própria genericidade (Gattungsmässigkeit). Somente quando almeje, ao menos com sério propósito, esta

²² Guide Oldrine foi o primeiro a descobrir a tese do conceito de “persona” em Lukács. Porém, esse aspecto da ontologia foi pouco explorado já que durante muito tempo o marxismo negou o indivíduo, como se as classes não fossem compostas por indivíduos singulares. Uma das poucas produções sobre este tema, no Brasil, é o livro de Gilmaísa Costa que busca em toda ontologia do Lukács os momentos constituintes da formação da personalidade. Costa, Gilmaísa. *Indivíduo e Sociedade: Sobre a teoria da personalidade em Georg Lukács*. Maceió, edufal, 2007

generidade (gattungsmässigkeit) na própria vida, o homem pode considerar ter obtido – pelo menos como obrigação em relação a si mesmo – a elevação para além do ser homem simplesmente particular (Partikulares Menschsein) (p.29).

Assim, o indivíduo singular tem que reconhecer em sua própria vida o formar-se da generidade e intencionar sair de uma situação em que se coloca o simples fato imediato da vida, que a generidade em-si comporta, para uma situação em que se aspira o elevar-se além da mera particularidade. No entanto, é necessário compreender que mesmo pondo em prática tal aspiração de se elevar além da mera particularidade o indivíduo participa de um campo de possibilidades formado socialmente que no limite indica quais as formas de elevar-se possíveis de alcançar em dado período. Assim, em última instância é o desenvolvimento das forças produtivas e o ampliar-se das capacidades humanas que engendra o campo em que a generidade em-si se desdobra.

Desta forma, “a personalidade no plano da generidade em-si não pode se apresentar senão nos moldes de uma realidade operante praticamente para cumprir as próprias funções no processo de reprodução social” (p.31). Quando se trata daquela intenção a qual nos referimos de estar para além do mero ser particular, o traduzir-se em realidade não se põe enquanto exigência permanente do processo de reprodução social, pois, a “generidade para-si é produzida pelo mesmo processo global somente como possibilidade” (p.32).

De fato, a sociedade como um todo e a personalidade humana são, porém, interligadas de modo indissolúvel, constituindo dois pólos de um único complexo dinâmico, mas são qualitativamente diversos entre si quanto às respectivas condições ontológicas imediatas de desenvolvimento. Naturalmente só dentro de certos limites, dado que as diferentes formas de movimentos que dele derivam são, em última análise, quase sempre intimamente ligadas, mesmo que esta ligação seja da contraditoriedade interna (P.32).

Conforme constatamos, ao analisar a formação da sociedade e da personalidade, Lukács demonstra como a generidade em-si e para-si está em constante articulação. A primeira forma sempre o campo de movimento da segunda, ainda que esta última não possa nunca se manifestar nessa sociedade. O que importa é que a articulação entre elas — mesmo que se realize de forma sempre desigual e contraditória — assim como suas diferenças substanciais são fatos irrefutáveis no plano ontológico.

Segundo Lukács “A generidade para-si se exprime na vida cotidiana antes de tudo e muito mais como descontentamento individual para com a generidade em-si cada vez mais imperante, em certos casos também como direta rebelião contra ela” (p.33). Em termos do

imediatamente é o indivíduo que se revolta contra a realidade que se ergue opressora contra sua individualidade e na intenção de defendê-la — tendo ou não consciência deste fato — se dirige a generidade para-si possível naquele devido momento histórico, o que de imediato não garante a eficácia da intenção. Como se trata de uma intenção dirigida a um determinado fim tanto o traduzir-se em realidade quanto a substância do fim que objetiva pode não concretizar-se.

Porém, segundo Lukács,

como neste caso se trata quase sempre de tentativas que um pólo da totalidade social cumpre para responder às concretas manifestações do outro pólo, dado que contém *dynamei* aquilo que as intenções individuais aspiram do ponto de vista da personalidade, posto que as duas possibilidades pertencem a um único e mesmo processo social global nunca é totalmente excluída uma clareza precoce sobre o objetivo ou o caminho das posições singulares (p.33).

É na vida cotidiana que as elevações para além da mera particularidade se efetuam, e, por isso mesmo é que os fatos da vida cotidiana se apresentam enquanto prioridade ontológica²³. Possui o estatuto de prioridade justamente porque são desses fatos que surgem a possibilidade de uma personalidade autêntica. A vida cotidiana é o palco dessas realizações. É nessa cotidianidade que surgem alternativas que põem como possibilidade a direção em que se faz possível o objetivar-se da personalidade não-mais-particular. Nas palavras de Lukács:

O eco que as grandes objetivações conservam deles (dos atos da vida cotidiana), ante as simples possibilidades que venham a ser, indica claramente que em tais objetivações se explicitam decisões alternativas nas quais encontra expressão generalizada o caminho que conduz à personalidade não-mais-particular, (*nicht mehr partikularen persölichkeit*) os seus conteúdos e objeto, as suas premissas e conseqüências sociais (...) (p.33, Grifos nossos).

É o conteúdo social desta vida cotidiana que faz emergir os questionamentos que movimentam grande parte dos indivíduos na sua existência cotidiana. Segundo Lukács,

Se uma obra de arte ou uma filosofia não fossem outra coisa além do produto de uma personalidade considerada “genial”, não poderiam objetivar-se como modelos; do mesmo modo, não seria possível para

²³ Sobre prioridade ontológica Lukács afirma: “Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação à outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível. É algo semelhante à tese central de todo materialismo, segundo a qual o ser tem prioridade ontológica com relação à consciência. Do ponto de vista ontológico, isso significa simplesmente que pode existir o ser sem a consciência, enquanto toda consciência deve ter como pressuposto, como fundamento, algo que é. Mas disso não deriva nenhuma hierarquia de valor entre ser e consciência. Ao contrário, toda investigação ontológica concreta sobre a relação entre ambos mostra que a consciência só se torna possível num grau relativamente elevado do desenvolvimento da matéria (...) (*Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. P.40-41).

uma situação objetivamente revolucionária desencadear no caso de um ativo fator subjetivo, se não fosse precedida de um período relativamente longo, de uma massa relativamente grande de decisões singulares tomadas pelos indivíduos na sua vida cotidiana (p.34).

Mesmo que a vida cotidiana aparente ser destituída de qualquer nexos, de qualquer expressão importante ela é o único campo de encarnações fatuais e ideológicas que estão sempre em contínuo movimento em direção à sociabilidade e à individuação. E por ser as decisões individuais que põem em marcha esse movimento o caráter individual de se dirigir a generidade para-si fica intacto. Nas palavras de Lukács:

O fato, socialmente tão importante, que a personalidade não-mais-particular apenas por esse caminho seja capaz de operar, põe cada tomada de decisão individual desse tipo em uma relação de possibilidade – ainda que com frequência prática mínima – com a história do gênero humano. Justamente porque a personalidade não-mais-particular só nasce enquanto nela o auto-desenvolvimento e a clareza sobre si objetivam em última análise o desenvolvimento e a clareza do gênero humano existente-para-si essa ligação da personalidade não-mais-particular com a generidade para-si constitui a superação real do gênero ‘mudo’ (p.35).

Posto a devida relação da generidade com a personalidade e seu manifestar-se prioritariamente na vida cotidiana podemos discutir os problemas relativos às alienações que surgem daí. Pois, “de fato, somente nesse ponto torna-se evidente, por um lado, que a alienação é, antes de tudo, um obstáculo ao nascimento da não-particularidade do homem” (p.35). Mas aqui não estamos nos referindo à alienação como um problema que estaria resolvido caso os indivíduos se elevassem moral e espiritualmente para além da particularidade, pois, é necessário nunca perder de vista que também os elementos atuantes econômica e socialmente podem causar deformações na maneira como os homens (não)particulares conduzem suas vidas. Assim, as alienações podem ser tão drásticas e limitar de tal forma a resistência ideológica individual — embora não possa aniquilá-la completamente — que

Em tal caso é sempre possível, e na realidade acontece freqüentemente, que uma pessoa lute com paixão contra uma alienação que a oprime fortemente e, ao mesmo tempo ignore inteiramente outros campos, outras alienações. Aliás, especialmente nos casos em que um indivíduo encontra-se como objeto passivo de uma alienação, embora seja portador ativo – induzido ao erro pela sociedade – do ser objetivo de uma outra alienação na sua realidade individual, ele, não obstante o convicto ódio contra a primeira pode continuar a desenvolver um papel ativo no âmbito da segunda. Falada, no famoso romance *E adesso, pover uomo?* descreveu bem como um pai e um filho, que são sinceros ativistas políticos na luta pela libertação dos operários (isto é lutando contra essa alienação), nas

relações com a mãe e com a filha mostram-se ao invés opressores do pior tipo pequeno-burguês (isto é, forças alienantes para os outros e para si mesmos) (p.67).

É nisto que Lukács se baseia para afirmar que a ação real de se elevar além da particularidade, como uma verdadeira dedicação a uma causa não garante que não se desenvolva profundas alienações em outros campos. Segundo Lukács,

Na realidade, é próprio de uma incondicional dedicação – freqüentemente acrítica - comportar a potenciação de determinados aspectos da personalidade, mas também aliená-la em boa parte ou totalmente. Por outro lado, porém, é certo que quanto mais um homem permanece particular, mais é impotente frente aos influxos alienantes (p.36).

Sobre a questão da dedicação a uma causa vimos no primeiro capítulo, o que importa aqui salientar é que, as alienações se apresentam de formas e em situações completamente distintas. Assim, aquelas alienações singulares se estabelecem de tão variados modos que, principalmente nas sociedades modernas, os indivíduos chegam a se opor prática e honestamente contra algumas e em outros campos tomam outras como genuínas em suas vidas. Como afirma Lukács:

nos bastará recordar o fato freqüente no movimento operário, de homens que lutam com paixão e também com sucesso contra as próprias alienações dos trabalhadores, mas na vida familiar alienam tiranicamente as suas mulheres, terminando assim por alcançar uma nova alienação de si mesmo. Não se trata de um caso e nem simplesmente de “fraqueza humana” (p.37-38).

Estas alienações são sempre uma possibilidade real, pois condiz com a própria formação dos indivíduos que comporta, por um lado, o desenvolvimento das capacidades e por outro o da personalidade. Assim, quanto mais desenvolvida a divisão social do trabalho e as capacidades singulares a ela correspondentes, a personalidade que se forma é de um tipo específico àquela altura do desenvolvimento social geral. Segundo Lukács:

Existe uma certa espontaneidade induzida pela produção, no modo pelo qual as capacidades singulares (einzeln) são colocadas entre si, no modo pelo qual o trabalho prestado na sociedade está de acordo com a vida privada, etc. Tudo isso, porém, se desenvolve em substância no plano da genericidade em si, que já resulta do fato que algumas formas explícitas de alienação entre o indivíduo (Menschen) e os outros, freqüentemente são entendidas como características pessoais. Pensemos simplesmente no homem ossificado na rotina do burocratismo, no carreirista zeloso, no tirano doméstico, etc., os quais não apenas aprovam estas suas características como parte constitutiva de sua própria personalidade, mas também são apreciadas pelo ambiente (umwelt) em que vivem como personalidade, em virtude e não a despeito dessas suas características (p.38-39).

Embora, tais indivíduos correspondam a uma realização aviltada de formação social, (completamente ligados ao fato de se destacarem e serem bem aceitos pela sociedade), personalidades como estas emergem como acontecimentos relevantes histórica e socialmente, pois, “estas espontâneas, imediatas, freqüentes e largamente alienadas, sínteses pessoais formam a base do ser a partir da qual pode se desenvolver o indivíduo não-mais-particular” (p.39). Lukács continua:

Na realidade, não nos esqueçamos que os princípios ordenativos da vida social (da tradição até o direito e a moral) são armas ideológicas para enfrentar conflitos sociais e que, por isso, em muitos casos são portadores de progresso social. Portanto, o seu influxo sobre posições teleológicas dos homens singulares (einzelmenschen) – que é bastante característico do nível de desenvolvimento da personalidade que aqui nos referimos – não deve ser visto simplesmente como negativo, como alienante e basta. Uma vez que a generidade em-si cria sempre um campo de possibilidades para a generidade para-si, na sua relação encontram-se também nexos desse gênero (p.39).

Assim, a tendência a uma generidade para-si e, portanto, a uma existência não-mais-particular é sempre uma possibilidade. Comumente os indivíduos possuem uma atitude não crítica, submissa aos princípios ideológicos regulativos gerais da sociedade, pois estes últimos se erguem de maneira tão rigorosa e imponente que muitas vezes parecem insuperáveis. Por isso, para se compreender adequadamente os nexos entre personalidade particular e não-particular é preciso ter sempre em vista como a necessidade social se constitui na vida cotidiana. Este fato está diretamente relacionado com a inserção e o comportamento que os indivíduos possuem nas classes sociais. Ao tratar da questão da relação homem-mulher - que nós já expusemos no item anterior – Lukács demonstra a contradição “prático-humana entre as determinações sociais e individuais no campo da alienação”, pois,

Naturalmente nesta relação todas as condições de vida são determinadas pela sociedade; a própria inspiração individual de superar o dado social imediato tem aqui sua origem. Por isso tem acontecido muitas vezes que enquanto a linha de fundo do desenvolvimento social criava formas restritas e alienadas para tal relação, também as mesmas tendências evolutivas encontraram espontaneamente o modo de satisfazer de qualquer maneira, necessidades de ordem mais altas. Bastará talvez recordar o matrimônio grego no período do florescimento da polis, cuja monogamia fazia da mulher um tipo de escrava doméstica alienada; e por esta razão, o impulso, socialmente irreprimível, em direção a um contrato entre os sexos a um nível humano mais elevado se conquistava espontaneamente em seu território no eterismo, onde “se desenvolveram aquelas únicas características femininas gregas que, para o espírito e desenvolvimento do gosto artístico, superava o nível geral da mulher antiga.” O fato de que aquelas mulheres podiam elevar-se além das “normais” alienações só prostituindo-se, ou seja,

através de uma diferente auto-alienação, nos diz o quão restrito eram então nesse campo os limites objetivos da dignidade humana, interior e exterior (p.40).

Assim, mesmo quando se trata de um estado menos desenvolvido como aquele da polis grega a generidade para-si encontra sempre terreno para se desenvolver, embora esse fato acarrete novas alienações. Também nesse caso não é apenas o desenvolvimento social objetivo que exige tal relação entre generidade em-si e para-si, antes, isso deve estar sempre na intenção da pessoa. Pois, o homem singular ao constituir um pólo da totalidade social geralmente é aquele que decide o andamento social.

Como já foi dito antes, mesmo possuindo uma base social o problema da alienação emerge mais diretamente ligado ao indivíduo. Portanto, ao indivíduo é possível a superação de algumas de suas manifestações já que as alternativas sociais são postas de maneira a favorecer ou fazer regredir a alienação, por isso “a luta contra esses processos alienantes requer contínuas decisões dos indivíduos que sejam também traduzidas em práticas” (p.70). Principalmente na sociedade moderna, a isso já nos referimos antes, a luta principal contra as alienações se efetiva no sentido de derrubar a supremacia do ter no intento de se estabelecer relações humanas verdadeiras. E isso também diz respeito a uma formação autêntica dos sentidos, pois, somente articulada com os sentidos é que a personalidade humana pode emergir. Embora,

Para o homem médio da sociedade de classe aqui é anunciada alguma coisa que – a primeira vista – soa como utópico. Todo o processo da sua vida, de fato, a contradiz claramente, e não apenas no tempo de Marx, quando a miséria material dos trabalhadores tornava impossível um tal uso dos sentidos, mas também e tanto mais nos nossos dias de bem estar do capitalismo manipulado (p.45).

Ao tratar da arte, Lukács nos demonstra como é possível superar este comportamento meramente particular da maior parte dos indivíduos, pois, “a verdadeira arte visa o maior aprofundamento e a máxima compreensão. Visa captar a vida na sua totalidade onicompreensiva (...), portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representado-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento²⁴ (p.29). A obra de arte autêntica “é permanentemente e imanentemente dirigida contra à alienação” (p.46). Ela não é, portanto uma “simples reprodução fotográfica” da vida, mas antes incorpora de forma mais genuína a verdadeira essência da humanidade. Nas palavras de Lukács:

²⁴ Ensaios sobre literatura. Lukács, 1965. Tradução de Leandro Konder.

A tarefa da arte foi e é aquela de perseguir os caminhos que conduzem a desfetichização. Devendo e podendo aqui limitar-nos ao problema ontológico, a resposta é simples: quando o artista olha o mundo com os olhos de uma verdadeira individualidade, que contém em si uma profunda e enérgica intenção voltada à genericidade para si do homem e do seu mundo, deste simples fato pode surgir na mimese artística um mundo que combate à alienação e que desta é libertado, de todo independente das particulares concepções subjetivas do próprio artista. (De acordo com Marx os sentidos tornam-se teóricos) (p.46).

Desta forma, ao realizar autenticamente a tarefa da arte, os homens se divorciam de suas intenções subjetivas que surgem espontaneamente do desenvolvimento da genericidade em-si, superando assim sua própria particularidade em favor de uma personalidade não-mais-particular. Segundo Lukács, mesmo os grandes artistas que defendem ser a subjetividade individual que constitui a substância da reprodução artística da realidade se deparam com situações em que compreende a contradição entre a mera particularidade individual e o indivíduo que produz a obra. Lukács nos dá alguns exemplos disso:

É notável a desdenhada exclusão do autor por parte de Flaubert. Tolstói se critica com grande dureza por sua repetida postura subjetiva particular em relação a alguns personagens. Cézanne que tinha na singularidade da sua personalidade particular um bom aparato de registro da realidade, mas quando ela se imiscui na reprodução desta, ele rechaça radicalmente tal atividade “miserável” porque ofusca e turva aquilo que julga essencial em uma obra de arte conferir continuidade à natureza, nas mudanças aparentes do seu ser em-si (p.47-48).

Lukács ainda nos diz que “A contraposição entre personalidade particular e elevação mais além dela poderia ser demonstrada com numerosos outros exemplos desse tipo (...) esta antítese retoma continuamente nas reflexões sobre si mesmos dos verdadeiros grandes artistas” (p.48).

Segundo nosso autor, as obras chamadas naturalistas, que reproduzem a realidade do ponto de vista das intenções particulares, subjetivistas, imediatas, não permanecem válidas por muito tempo na história da humanidade. O contrário acontece com aquelas obras de arte que representam a genericidade para-si e que, portanto, elevam o homem para além de sua mera existência particular. Estas últimas podem continuar por milênios representando a existência mais genuinamente humana. Assim, no âmbito da arte podemos ver com maior clareza como um elevado desenvolvimento da genericidade em-si, mesmo que a maior parte das pessoas continue no nível de particularidade, é sempre terreno de surgimento da genericidade para-si. Lukács descreve um fato que nos demonstra como isto acontece:

Para retornar ao campo da arte, e precisamente às suas objetivações em substância sensível, citaremos um fato: na Hungria o compositor Zoltán Kodály, amigo e companheiro de Bela Bartók tomou a iniciativa de dar início a um movimento pedagógico que teve grande sucesso e que promete obter ainda mais no futuro. Este parte da convicção de Kodály que não existem pessoas refratárias à música, mas apenas pessoas que receberam uma má educação musical. Sobre a base de tal idéia foram elaborados e em parte traduzidos na prática planos de estudos com os quais hoje já são educadas grandes massas, não só recebendo em termos adequados a música mais alta, de Bach a Bartók, mas até certo ponto reproduzindo-a nos mesmos termos. Da mesma forma o fenômeno de massas dos desenhos infantis espontâneos, plenos de sensibilidade artística natural demonstra que essa possibilidade é geral. O fato que tais capacidades visuais naturais das crianças costumem naufragar diante do problema da reprodução verdadeira da realidade, mostra apenas os limites gerais desta espontaneidade, mas não nega a tese segundo a qual uma atitude sensível particular diante do mundo tem em si a possibilidade de desenvolver-se também no nível do não-particular (p.48-49).

Pudemos ver que a possibilidade de alçar-se para além da particularidade e se conectar com a generidade humana mais autêntica existe para cada pessoa nas mais variadas instâncias da vida social. Os fatos acima descritos são fundados naquela relação contraditória que discutimos no segundo capítulo, ou seja, o desenvolvimento das capacidades humanas e a formação da personalidade. A objetivação autêntica no campo ideológico deve ser resultado de uma exteriorização correta dos indivíduos conectados com a generidade. Por isso, Lukács afirma acima que, mesmo que algumas crianças possuam sensibilidade artística natural, como no caso do fenômeno de desenhos infantis na Hungria, os resultados costumam naufragar. Desta forma,

(...) diversamente das objetivações da generidade em-si nas quais a adequação do exteriorizar-se do sujeito não faz nada ou ao menos pouco decisivamente tem a ver com o sucesso ou insucesso objetivo das objetivações, aqui uma objetivação adequada é impossível sem uma exteriorização deste tipo, isto é, que exprima adequadamente o sujeito não-particular. Tem-se, aqui uma alta forma de subjetividade, inteiramente impregnada pelas objetivações, e isto se bem que, ou exatamente porque, o intento da posição era eliminar a subjetividade (mas aquela particular) (p.52).

Há, portanto, na ontologia do ser social, dois tipos de possibilidades no que se refere à passagem da generidade em-si para a generidade para-si e na sua relação com a personalidade particular e não-mais-particular. Podemos dizer que primeiramente a generidade em-si põe apenas o campo de possibilidades para o desenvolvimento da generidade para si e, assim, da personalidade particular sobre a não-particular. Ou seja, é sempre possível que a generidade para-si não seja alcançada e que, por sua vez, o sujeito não alcance a não-particularidade. As

próprias formas ideológicas que surgem para resolver tais problemas possibilitam tanto o desenvolvimento da generidade em-si como o da generidade para-si, independente de seu caráter de verdade e falsidade, pois, a “ideologia é acima de tudo aquela forma de elaboração ideal que serve para tornar a práxis social dos homens consciente e operativa (p.2), como já afirmamos antes.

A história mostra exatamente que um grande número de obras de arte, de filosofias, de decisões formalmente éticas na vida, não somente não se elevam para além do nível da generidade em-si e, considerando a vida individual, da particularidade, mas até mesmo sequer mantêm consciente a sua superioridade humano-social. Pensemos simplesmente na action gratuite de Gide entendida como princípio do agir humano (p.53).

Assim, segundo nosso autor para compreendermos as possibilidades emergentes no desenvolver-se do ser social “é preciso julgá-las sempre e antes de tudo pelo seu conteúdo e direção, e não pelo setor formal ao qual, ainda que necessariamente pertençam” (p.53). O fato por si só de se tratar de obra de arte ou de filosofia não significa que possui a-priori a possibilidade de elevar o indivíduo para além do mero ser-particular. Desta forma, há sempre a possibilidade que os sistemas ideológicos superiores²⁵,

Não sirvam para tornar consciente a generidade para-si, para desenvolver a verdadeira personalidade humana, para lutar contra a alienação na interioridade, mas ao contrário que não só sintam a generidade em-si como a única forma de existência possível, mas também, mais ou menos consciente, tendam a conduzir por caminhos errados a personalidade, reduzindo-a até à particularidade, consolidando a sua alienação (p.54).

Ou seja, mesmo quando se trata de algumas formas ideológicas superiores o alcance da generidade para-si e da personalidade não-particular não é um fim necessário, mas, uma tendência que pode vir ou não a se realizar. Em segundo lugar, de acordo com Lukács, “existe sempre o movimento ideológico inverso”. Existe sempre a possibilidade que os sistemas ideológicos (e principalmente os superiores) atuem de maneira a impor a generidade para-si sobre a generidade em-si, e em nível individual, o não-particular sobre o particular. Desta forma é verdade que,

(...) muitos modos de expressão ideológica, os quais do ponto de vista formal, comumente contribuem para desenvolver, consolidar etc., a generidade em-si, possam desempenhar em vez disso, importantes

²⁵ Para Lukács, a filosofia e a grande arte, como ideologias superiores “são aptas para dirimir os complexos evolutivos essenciais acerca de ambos os pólos do ser social [de um lado os indivíduos e, de outro, a sociedade], que tem a capacidade de dar, às contradições acerca de ambos os pólos e nas suas interações, uma generalização de tipo a colocar a humanidade em condições de transformar o em-si da sua auto-realização na realidade do próprio ser-para-si”. (capítulo da ideologia, p.84, trad. Ester Vaisman – os grifos são nossos).

funções, por vezes realmente decisivas no desenvolvimento do seu para-si. A possibilidade de uma tal mudança de função está naturalmente condicionada, por sua vez, pela história da sociedade. Portanto, não somente nas diversas formações isto ocorre com conteúdos, formas, direções etc., muito diferente, mas ocorre certamente que no curso do desenvolvimento da humanidade vários setores adquiram significados opostos, que só um silogismo formalista seria capaz de reduzir a um mesmo denominador (p.54).

Aqui, podemos mais uma vez ratificar o que já tínhamos discutido no segundo capítulo, que a forma de se manifestar da alienação é sempre plural e por isso, devemos compreendê-la nos seus vários modos de ser de acordo com cada momento histórico. Ou seja,

A alienação não deve ser compreendida como um setor autoconstituído do edifício social e, muito menos ainda como uma *perene condition humaine*, que pela sua universalidade humana estaria para além da luta de classe. Ao contrário, sem alterar a nossa posição de base, podemos dizer: não há luta de classe na qual ser a favor ou contra as formas importantes de alienação naquele momento não tenha relevância direta ou indireta, formais, contra as quais o meio mais eficaz é o exato conhecimento, nos limites do possível, da concreta situação histórica no seu ser-precisamente-assim social, obviamente apenas quando não se interprete esta situação como um fato estático, mas se esforce por compreendê-la em sua dinâmica concreta, no seu concreto onde e para onde (p.56).

Essa forma de analisar e compreender a alienação demonstra o quanto sua manifestação está ligada ao estabelecimento e manutenção de um poder econômico e político; demonstra o quanto esse domínio político e econômico possui uma articulação ineliminável com a alienação no sentido de que esta última é sua própria essência. Este fato acontece à revelia da ideologia que pode tanto está dirigida para o futuro ou para o passado, “mesmo hoje, quando os sistemas ideais e sentimentais da alienação moderna, mesmo sendo conformistas no mais alto grau, parecem, no imediato, muito modernos repudiando qualquer coisa do passado (...)” (p.57).

Segundo Lukács, as alienações da forma acima descritas têm a função que ele chama de auxiliares, ou seja, contribuem, substancialmente, no plano objetivo, para a instauração e desdobramentos das formas de dominação. Porém, ainda de acordo com nosso autor, as formas de alienação mais importantes estão relacionadas com a exploração. Ele nos dá o exemplo da luta pela jornada de trabalho que Marx investigou numa obra chamada salário, preço e lucro (em que era discutida a questão sindical) e que nos apresenta a forma mais clara e decisiva de alienação a qual já havia se referido desde os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844.

O tempo é o espaço de desenvolvimento humano. Um homem que não dispõe de nenhum tempo livre, que por toda a sua vida, à exceção das pausas puramente físicas para dormir e para comer e assim por diante, é prisioneiro de seu trabalho pelo capitalista, é inferior a uma besta de carga (apud LUKÁCS, p.57).

Isto deixa claro que a luta que é feita cotidianamente na prática pela classe subalterna diz respeito à importante situação econômica. Assim, à manutenção socioeconômica do capital é absolutamente decisivo que um operário com uma longa jornada de trabalho ou um especialista do trabalho moderno considere natural e inevitável tal destino e que ainda considere ter conseguido sua liberdade, um bem estar-digno-do-homem. Ou seja, quanto mais o trabalhador esteja impregnado de alienações em seu interior, quanto mais seu espírito esteja permeado de alienações, mais o capital pode exercer seu domínio sem grandes obstáculos. Por isto mesmo,

Quanto mais se desenvolve o aparato ideológico do capitalismo, tanto mais resolutamente tende a fixar com firmeza nos indivíduos tais formas de alienação, enquanto que para o movimento operário revolucionário – com fim de suscitar, promover, organizar o mais possível o fator subjetivo – desmascarar a alienação como alienação e a luta consciente contra ela é um momento importante (mas, não obstante, apenas um momento) dos preparativos para a revolução (p.58).

Lênin, segundo nosso autor, demonstra como isso acontece em seu texto denominado *Que fazer?* quando analisa a relação entre pura espontaneidade e consciência na luta de classe dos operários. Para Lênin, a espontaneidade é a forma mais imediata dos trabalhadores se posicionarem contra a economia então dominante. Assim, a luta a favor da redução do tempo de trabalho, embora seja um ganho na luta efetiva dos trabalhadores, pouco afeta o manifestar-se da alienação nesses termos, ou seja, a consciência emergente deste estado de coisa não ultrapassa o nível da generidade em-si. Portanto, segundo Lukács, Lênin

contrapõe a esta espontaneidade – que ele, diga-se de passagem, reconhece ainda na resistência individual ao czarismo (terrorismo) – uma consciência que signifique compreender com o pensamento e ao mesmo tempo combater na prática o sistema capitalista na sua totalidade (p.58).

Daí porque a consciência exigida para que se combata nos termos corretos o sistema do capital deve ser incorporada pela classe trabalhadora como algo que vem “de fora” e que se torna “consciência de si mesma” dessa classe. Desta forma, a consciência que surge espontaneamente na classe trabalhadora deve ser substituída por uma consciência que compreenda verdadeira e praticamente o caráter de exploração do capital. Por isso mesmo

Lukács nos diz que ao se alcançar essa consciência, e por ser essa consciência algo que vem de fora da própria classe, não há importância alguma a origem de classe dos militantes revolucionários. A consciência que agora emerge é aquela em que os indivíduos (nesse caso enquanto classe) se conectam à genericidade para-si. A partir dessas considerações ele chega à conclusão de que:

O fato que Lênin observe todo este complexo de questões do ponto de vista exclusivo da atividade política é exatamente uma confirmação da nossa tese segundo a qual a alienação não é algo que repousa sobre si mesmo, algo de humano-social totalmente autônomo, mas é um elemento do processo de desenvolvimento social no qual, conforme as circunstâncias, parece desaparecer de todo ou manifestar-se abertamente a sua peculiaridade (p.59).

Porém, esse aparecer e desaparecer das alienações (que se manifestam aberta ou veladamente em vários campos da formação social) está completamente articulado com as lutas que os homens engendram contra elas.

Desta forma, o conformismo com o estado alienante significa um “simples deixar-se arrastar pela corrente comum”; de outra maneira a intenção de se opor continuamente a ela significa “uma escolha repetitiva, submetida a um contínuo reexame (ou pelo menos vivido com profundidade) em realizar-se na vida lutando” (p.70). Assim, são os próprios indivíduos que necessitam cotidianamente mobilizar “em própria defesa as próprias forças” (p.71). Por isso mesmo,

(...) o fato de que Lênin na sua análise não apanhe, na aparência, os movimentos dos indivíduos singulares cujas posições exatamente consolidam ou contestam por cada um a sua alienação, não quer dizer que no seu discurso não esteja objetivamente contido o nosso. Nós, entre outras coisas, consideramos a relação do indivíduo com a totalidade das determinações sociais com base de cada genericidade para-si, e do discurso de Lênin resulta claramente que o caminho da espontaneidade à consciência, cada indivíduo deve percorrê-lo pessoalmente (p.59).

Assim, mesmo nas manifestações eminentemente políticas, o colocar-se contra as alienações no sentido de alcançar à genericidade para-si, significa sempre suprimir no plano individual a personalidade meramente particular. A consciência de classe e a luta prática e ideológica contra o capital, portanto, é uma forma de exprimir a não-particularidade do homem.

A alienação é sempre um “modo histórico-social de viver por parte dos homens” (p.59). Seu caráter histórico-social é sempre reafirmado. Assim, a tendência a genericidade para-si é sempre social e sempre contra o expressar-se das alienações daquele dado período.

Se, de fato, entendemos a alienação como um movimento historicamente determinado estamos nos posicionando contra as teorias que compreendem de forma determinista a alienação. Por um lado combatemos as teorias que compreendem a alienação como uma fatalidade, como as ideologias burguesas costumam defender para garantir a manutenção de sua dominação. Por outro lado também precisamos nos precaver contra aquelas teorias marxistas fetichizadas, como da segunda internacional, que defendem que basta a superação do capitalismo para que as alienações em sua totalidade sejam superadas também. Se, segundo Lukács, “contra essa fálange de preconceitos, queremos entender corretamente a essência da alienação, devemos mais uma vez voltar à teoria de Marx” (p.66).

Assim, a alienação, segundo Lukács, pode ser caracterizada por três princípios fundamentais. O primeiro deles é que “toda alienação é um fenômeno que tem fundamento sócio-econômico” (p.66), e desta forma uma atitude individual só pode ter resultado aliada a transformação da estrutura econômica. Em segundo lugar, a alienação possui sempre uma dimensão ideológica, portanto, sua superação interior, subjetiva, só pode ser ato do próprio indivíduo, ou seja, “O ato individual, que olha a si mesmo, é, portanto, a premissa inevitável para que haja uma superação real (e não só verbal) de qualquer alienação, de qualquer indivíduo na sua relação com o ser social” (p.66). Em terceiro lugar, as alienações atuantes no ser social são sempre concretas, assim, “as formas de alienação operantes em um dado período são em definitivo baseadas na mesma estrutura econômica da sociedade” (p.67).

Como, segundo Lukács, “os problemas concretos que nascem de tal estado de coisa, isto é, do pluralismo ontológico da alienação, poderão ser discutidos em termos adequados somente na Ética” (p.67), aqui expomos apenas os aspectos ontológicos gerais que caracterizam este fenômeno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação principal de um estudo sobre a teoria da alienação nos dias atuais se justifica quase que imediatamente no exato momento em que lançamos um olhar para a sociedade e observamos que o modo de produção capitalista se aprofunda numa crise sem precedentes. A humanidade se estarrece diante das atrocidades cometidas pelos detentores do poder em nome de um progresso necessário do capital, mas, ao mesmo tempo não se objetiva na intenção de uma práxis que garanta alternativa à própria humanidade. A alienação que permeia todos os complexos sociais assegura que a humanidade continue afundada nesse conformismo, conferindo a esse estado de coisa atual uma aparência de imutabilidade. Assim, é tarefa emergencial compreender adequadamente como a alienação se constitui em sua gênese e como se manifesta, principalmente na sociedade capitalista, visto que é contra essa forma atual de produção e reprodução do mundo dos homens que devemos unir forças.

Lukács é um dos pensadores que, depois de Marx, se dedica a compreender a alienação como um fato eliminável da sociedade capitalista que contribui decisivamente para sua produção, reprodução, manutenção e ordem. Buscou-se nessa exposição, apreender os nexos mais essenciais que determinam a constituição da alienação na tentativa de contribuir para a correta apreensão dessa categoria em Lukács. Inicialmente discutimos a forma da alienação no capitalismo contemporâneo. Demonstramos que a alienação, na sociedade capitalista, está diretamente ligada à desigualdade do desenvolvimento que aparece de forma cada vez mais evidente quanto mais se atinge um alto grau de socialização. Nessa sociedade, em que as forças produtivas se encontram mais desenvolvidas, a personalidade humana esbarra em fortes limites a seu livre desenvolvimento.

Desta forma, a alienação possui um estatuto universal inédito atingindo as classes antagônicas na mesma medida. Lukács corrobora essa ideia quando afirma que na sociedade do capital a alienação do explorador é diretamente proporcional a alienação do explorado, embora, o primeiro desfrute da riqueza socialmente produzida enquanto o segundo, não. A preocupação do autor em discutir a desigualdade do desenvolvimento no que concerne à alienação na sociedade capitalista está ligada à necessidade de mostrar que um progresso contínuo da base econômica não implica numa personalidade necessariamente mais desenvolvida. A realização da desigualdade do desenvolvimento parece ter como consequência a contínua formação de novas alienações que permeiam os modos de vida cada vez mais complexos, mais socializados. A manipulação atual e o consumo são formas de

alienações que surgem apenas numa sociedade amplamente desenvolvida, como a do capital, e confirma a desigualdade do desenvolvimento a que nosso autor se refere.

O domínio do ter, forma do consumo da sociedade capitalista, é uma condição necessária para que se efetive a apropriação privada da riqueza humana. No início da modernidade tal consumo estava ligado, na vida do trabalhador, à manutenção imediata da sua força de trabalho. No capitalismo contemporâneo, esse consumo passa a ter uma extensão muito mais ampla que caracteriza a importação de uma categoria propriamente burguesa na vida dos trabalhadores: O consumo de prestígio. Com o desenvolvimento crescente das forças produtivas e a exploração relativa da mais-valia, houve uma diminuição do tempo necessário à produção de mercadorias e uma conseqüente ampliação do tempo livre do trabalhador. Aqui, não podemos deixar de acrescentar que mesmo considerando que a tecnologia reduz o tempo de trabalho socialmente necessário, sob o comando do capital, o trabalhador é muito mais explorado, e a sua vida e de sua família muito mais manipulada. O trabalhador é, então, livre para o capital e não para si mesmo.

O crescimento da riqueza humana como conseqüência do desenvolvimento das forças produtivas desperta no indivíduo um interesse por um nível melhor de vida. No entanto, esse interesse é permeado por fortes alienações que o vincula a um consumo que significa sua própria realização pessoal. Assim, o que torna o indivíduo efetivo e moralmente respeitado pela sociedade é justamente o que ele é capaz de consumir. Seu próprio interesse de adquirir mercadoria está fundamentado no predomínio do prestígio que ele irá alcançar. O consumo de prestígio que em seu momento inicial estava ligado a forma como a burguesia se comportava, atualmente se estende a própria forma como o trabalhador se sente realizado enquanto personalidade. Isso comprova mais uma vez como a alienação atual possui uma extensão muito mais ampla em relação aos períodos anteriores.

Essa máxima potencialidade do ter levada a cabo no consumo de prestígio é legitimada pelo que nosso autor denomina de manipulação atual. Essa manipulação tem como objetivo garantir que o indivíduo fique preso em sua mera particularidade. Ou seja, ela pretende fixar na psicologia dos indivíduos que a autêntica realização humana só é possível por meio da apropriação de mercadorias. Essa moderna manipulação só se generaliza, segundo o filósofo húngaro, por meio da moderna publicidade. É a moderna publicidade, utilizada para universalizar os interesses da classe dominante, que introjeta na mente dos indivíduos a concepção do ter como realização pessoal, mediante o que Lukács chama de sugestibilidade. A sugestão, portanto, é o método utilizado pela manipulação para formar nossa “visão de mundo” de acordo com os ditames da ordem burguesa. Essa manipulação

pode muitas vezes aparecer como interesse da humanidade, como nos casos de filósofos que mesmo se pondo verbalmente contra as atrocidades da humanidade, na prática, por não conseguir vislumbrar uma alternativa ao que está dado, possui uma atitude meramente conformista. A essa posição Lukács se refere como “conformismo não conformista”.

Outra intenção importante posta em prática pela manipulação atual é a ideologia da “desideologização” - esta se contrapõe aos grandes sistemas que tentam superar o capital – que afirma uma neutralidade do capital em relação aos indivíduos que são livres quanto as suas decisões pessoais. Essa forma atual de manifestação da alienação causa um profundo esvaziamento do sentido da vida dos indivíduos. Aí reside o fundamento do tédio, preocupação importante na tematização da alienação de Lukács. O tédio é o esvaziamento do sentido da vida que encontra terreno assim que a realização pessoal no mercado - proclamada como genuína pela manipulação - é satisfeita.

A única forma possível de se posicionar contra o que a manipulação nos apresenta enquanto única forma de uma realização autêntica – que como já vimos, são objetivos falsos em relação aos interesses da humanidade – é, segundo Lukács, se dedicando a uma causa de relevo social. Isso significa se posicionar efetivamente a favor de uma causa que retire o indivíduo de sua mera particularidade e o eleve no sentido de lutar contra as alienações. Porém, isso apenas revela a possibilidade do homem singular abraçar essa luta, pois, só é possível superar definitivamente o estado de coisa atual quando o modo de produção que põe a base objetiva dessas alienações for superado. Portanto, assim que a causa do indivíduo coincidir com a da humanidade será possível fazer a transição para uma sociedade livre de entraves a seu próprio desenvolvimento.

No segundo e terceiro capítulo foi apresentado os traços ontológicos gerais da alienação e seus influxos na formação da personalidade do homem cujo pressuposto de encontra no trabalho. O trabalho é a atividade fundamental do ser social que por gerar necessidades para além de seu próprio âmbito – permite uma complexificação cada vez maior desse ser. A partir do trabalho, os homens podem formar sua personalidade enquanto determinação singular específica, porém, esta determinação se encontra ontologicamente articulada com a totalidade social. Assim, a personalidade humana é historicamente formada e transformada. Seu estatuto de mutabilidade é consequência das condições produzidas pelo homem social, é produto da autocriação humana. É justamente no processo de socialização – através da apropriação da riqueza produzida pela humanidade – que a subjetividade forma-se rica. Desta maneira, o homem produz relações histórico-concretas e torna-se produto de sua própria atividade, de modo que tanto a realidade exterior quanto o próprio homem são

transformados nesse processo. É na forma histórica específica do capitalismo – na forma da “divisão do trabalho, troca, propriedade privada” – que a atividade humana se torna trabalho assalariado. Ao contrário de ser uma atividade que constrói apenas uma subjetividade rica, o trabalho torna-se alienado e homem torna-se escravo do que produz.

Desta forma, as objetivações que deveriam expressar o pleno desenvolvimento das capacidades humanas se transmutam em desumanidades criadas pelos próprios homens. Esses entraves à constituição sócio-genérica do devir humano são também denominados por Lukács de alienação. Por se a alienação um complexo de caráter sócio-histórico está sempre articulado ao nível de desenvolvimento das forças produtivas e à maneira como são estabelecidas as relações de produção. Porém, isso revela apenas seu lugar ontológico, pois, sua essência objetiva está justamente na forma como se realiza, nos respectivos momentos históricos, nos quais se objetiva aquela relação antagônica entre ampliação das potencialidades humanas e desenvolvimento das forças produtivas.

Nas mais diversas fases do desenvolvimento, as alienações possuem formas e conteúdos diferenciados, tendo a contradição entre desenvolvimento das capacidades humanas e o desenvolvimento da personalidade como fundamento destes vários modos de se apresentar. Desta forma, quanto mais desenvolvida são as forças produtivas, mais intensificados se tornam os fenômenos da alienação. Basta analisar como o desenvolvimento econômico que ao mesmo tempo em que proporciona um crescimento dos indivíduos, produz uma desumanidade em graus elevados. Isso nos leva ao fato de que o aumento das capacidades humanas inerente ao desenvolvimento das forças produtivas se transforma, sempre em condições historicamente determinadas, em entraves ao devir da personalidade humana. A antítese dialética estabelecida por essa contradição é o fundamento da alienação. Ela se constitui na base de todas as formas em que se apresenta tal fenômeno. Na dimensão ontológica essa contradição se apresenta de forma particular, no entanto, independente de sua forma e conteúdo, essa contradição fundamental entre desenvolvimento das capacidades humanas e formação da personalidade estará tanto mais presente quanto maior for o desenvolvimento das forças produtivas. É necessário alertar que o que está em relevância aqui não é o desenvolvimento das forças produtivas. Ao reconhecer sua importância, o pensador húngaro em Para uma ontologia do ser social demarca seus limites ontológicos que se exprimem no campo do desenvolvimento econômico-social.

Se o desenvolvimento das forças produtivas amplia de um lado as capacidades individuais e faz nascer, por outro lado, em larga medida, a reprodução da desumanidade, percebe-se aqueles limites ontológicos perduráveis a tal desenvolvimento sobre os quais já

falamos e que funda a contradição entre o crescimento das singulares capacidades humanas e o crescimento de autênticas individualidades. Essa posição assumida por Lukács diz que nenhuma personalidade é independente da sociedade na qual foi forjada, mas possui com ela uma relação ontológica. Quanto mais um problema de alienação se revela na autêntica individualidade de um homem – na tentativa de superá-lo por “meios subjetivos” - mais ele se confirma enquanto ser genérico-social. Lukács aponta que os complexos alienantes são de tal forma plural que mesmo uma personalidade que em um momento determinado combate as alienações fervorosamente em outros momentos pode sucumbir a elas sem nenhum questionamento e até mesmo com boa vontade. Isso se dá pelo fato da alienação está vinculada à forma como as exteriorizações retroagem sobre os indivíduos. Já que a “forma como as exteriorizações retroagem sobre os sujeitos do trabalho é por princípio diversificada” é sempre possível que num dado momento acenda no indivíduo uma intenção real de se contrapor à alienação e noutro momento o aprisione mais fortemente em sua mera particularidade. A alternativa aparece como um dos elementos decisivos na realização de uma ou de outra tendência. Nesse momento da tematização lukacsiana, podemos identificar outra noção que diz respeito à forma como a alienação se origina. Esta noção está vinculada ao processo de objetivação do ser social. Podemos dizer que o efetivar-se do ser social é um processo de dois processos. Possui, portanto, um momento objetivo e outro subjetivo. O primeiro é definido pela divisão social do trabalho e desenvolve nos indivíduos as capacidades humanas necessárias à objetivação. O segundo é a exteriorização que dependendo da forma como retroage sobre os indivíduos pode gerar alienações. A alienação, aqui, parece está vinculada ao próprio devir humano. Seria então a alienação fruto do próprio devir humano, embora assumia substância diferente em cada momento histórico em que se manifesta, ou estaria diretamente vinculada à sociedade de classes e à propriedade privada? Essa é uma questão que não pudemos responder nessa dissertação e que fica para futuras investigações.

No que diz respeito à retroação das exteriorizações sobre os indivíduos, - apesar de não demonstrar como isso acontece, pois admite que essa tematização é objeto da ética - Lukács demonstra na relação homem-mulher como certas alienações são naturalmente aceitas mesmo enquanto outras são veementemente negadas. Lukács recorda a frequência com que ocorre este tipo de alienação no movimento operário, pois embora os homens lutem com paixão e com sucesso contra as próprias alienações dos trabalhadores, na vida familiar “alienam tiranicamente as suas mulheres”, dando origem, portanto, a uma nova alienação de

si mesmos. A razão disso está no fato de que entre o desenvolvimento das capacidades dos homens singulares e aquele da sua personalidade ocorrem diferenças qualitativas.

Assim, a alienação deve ser enfrentada nos diversos segmentos da totalidade social, portanto, a verdadeira igualdade das mulheres no trabalho, na família e nas várias esferas da sociedade deve ser conquistada a partir do terreno próprio no qual tem sido bloqueado, o da própria sexualidade. Isto implica não apenas lutar contra os impulsos alienantes derivados do homem, mas deve igualmente apontar em direção à efetiva autolibertação interior. Não obstante a importância deste momento de libertação sexual – já que subjetivamente o indivíduo pode se erguer no enfrentamento de tais questões -, qualificado por Lukács como “relevantíssimo” em face da real libertação das alienações, trata-se apenas de um momento que, isolado, não trará qualquer benefício para a solução do problema de “tornar humanas as relações entre os sexos”. Desta forma, apenas quando indivíduos tiverem efetivado relações recíprocas que os unifiquem como entes naturais (tornados sociais) e da mesma forma como personalidades sociais, será possível superar autenticamente a alienação na vida sexual. O ser verdadeira personalidade só se torna efetiva na relação entre homem concreto e mulher concreta.

No entanto, não será unicamente através de uma elevação da personalidade humana para além da particularidade que o complexo da alienação será superado já que é um fenômeno determinado histórico-socialmente. Ou seja, trata-se de fenômenos objetivos que se efetivam em situações sociais objetivas. Sua plena superação compreende, assim, muito mais do que um esforço teórico; compreende, acima de tudo, uma práxis. Práxis que deve ser engendrada no interior da própria sociedade moderna, visto que é nessa sociedade que esse complexo assume uma forma cada vez mais perversa e é levado às últimas consequências trazendo vários danos e impedimentos ao devir humano. Na sociedade capitalista contemporânea, por exemplo, esse complexo se manifesta como várias formas de manipulação que tende a fixar o indivíduo em sua mera particularidade limitando sua capacidade de engendrar uma práxis para além do estado de coisa atual.

Desta forma, demonstra-se uma articulação indissolúvel entre a alienação, o processo de individuação e deste com a sociabilidade. Isso nos permite a conclusão de que indivíduo e sociedade só existem e se reproduzem em permanente relação recíproca, pois no indivíduo singular encontram-se determinações do gênero humano na proporção em que o elemento genérico inerente à categoria trabalho é um dos nexos que sintetiza a individualidade.

Ao se aceitar que aquela contradição fundamental entre desenvolvimento das capacidades humanas e desenvolvimento da personalidade é o núcleo do fenômeno da

alienação, se aceita também que este último não alcança a ampla totalidade do ser social, e ele não a rebaixa (exceto em abordagens subjetivistas) a uma relação arbitrária entre subjetividade e objetividade, entre indivíduo e sociedade.

De acordo com o que já foi abordado, toda formação da personalidade humana possui estatuto social em sua raiz e determinação última. Assim, as relações que se realizam entre a totalidade social e os atos singulares e que possuem na vida cotidiana suas expressões imediatas permitem que as ações particulares expressem uma importância para além da simples decisão individual. Contudo, "em circunstâncias normais" continua evidente um campo de manobra onde as atitudes pessoais correspondem às exigências das necessidades imediatas. Assim, fica clara a importância de relevar além das determinações causais, o momento subjetivo, a consciência que têm, ou não, as individualidades com relação ao fenômeno da alienação a que estão submetidas no cotidiano do mundo dos homens.

6. REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, M. N. **Alienação e ser social**: determinações objetivas e subjetivas, tese de doutorado em serviço social, UFRJ, 2005.
- BELL, Daniel. **O fim da ideologia**. Trad. de Sérgio Bath. Brasília, UNB, 1980.
- COSTA, Gilmaísa. M. **Indivíduo e Sociedade** - Sobre a teoria da personalidade em Georg Lukács. Alagoas, Edufal. 2007.
- COSTA, Mônica. **As categorias lebensäusserung, entäusserung, entfremdung e veräusserung nos manuscritos econômico-filosóficos de karl Marx de 1844**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. 1999.
- CLAUDÍN, Fernando. **A crise do movimento comunista**: vol. I e II - a crise da internacional comunista. São Paulo, Global, 1985-1986.
- CHAUÍ. Marilena de S. **O que é ideologia**. 42 ed., São Paulo: Brasiliense, 1997
- DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Trad. de Beatriz Medina. São Paulo, Boitempo editorial, 2006.
- KAREL, Kosik. **Dialética do concreto**. Trad. Célia neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- LENIN, V. I. **Que Fazer?**, trad. de Kyra Hoppe e Alexandre Roudnikov, São Paulo: Hucitec, 1978.
- LESSA, S. **Mundo dos Homens**. São Paulo: Boitempo editorial, 2002.
- _____. **Crítica ao praticismo revolucionário**, in: Práxis, n° 4, Belo Horizonte, 1995.
- LUKÁCS, G. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. In: Temas de Ciências Humanas, São Paulo, 1978.
- _____. (s/d) **Per una Ontologia dell'Essere Sociale**. Texto "Il Lavoro" – Primeiro capítulo – tradução profº Ivo Tonet, (mimeo), Quarto capítulo – tradução profº(a) Norma Alcântara.
- _____. **El jovem Hegel y los problemas de la sociedade capitalista**, Barcelona, Grijalbo, 1970.
- _____. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Ensaio sobre literatura**. Rio: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a categoria da particularidade. Rio: Civilização Brasileira, 1978.
- MANDEL, Ernest. **Introdução ao marxismo**. Porto Alegre: Movimento, 1982.

- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- _____. **O Capital**, volume I, tomos 1 e 2, SP: Nova Cultural, 1985.
- _____. **A Questão Judaica**, São Paulo: Ed. Moraes Ltda, 1991.
- _____. “Grundrisse”, I, in: **Obras Fundamentais de Marx y Engels**, vol. 6, México: Fondo de Cultura Econômica, 1985.
- _____. **A Miséria da filosofia**, tradução e introdução de José Paulo Netto, São Paulo: Global Editora, 1985.
- MARX, K.; ENGELS, F. “Salário, Preço e Lucro”, in: **Os Economistas**, São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. **A Sagrada Família**, São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- _____. **Crítica do Programa de Gotha e de Erfurt**, Mimeo.
- _____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MENEZES, P. **Para Ler a Fenomenologia do Espírito**. SP: Ed. Loyola, 1985
- MÉSZÁROS, I. **Marx: a teoria da alienação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **A Crise Estrutural do Capital**. In Outubro nº04, São Paulo, 2000.
- NETTO, José Paulo. **Capitalismo e Reificação**. SP: Livraria editora ciências humanas. 1981.
- PANIAGO, Maria Cristina Soares. **Mészáros e a incontrollabilidade do capital**. Maceió: Edufal, 2007.
- SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião**. SP. Panda Books. 2005
- TERTULIAN, Nicolas. **Metamorfoses da filosofia marxista: a propósito de um texto inédito de Lukács**. Crítica Marxista, Campinas, n. 13, p. 29-44, 2001.